

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

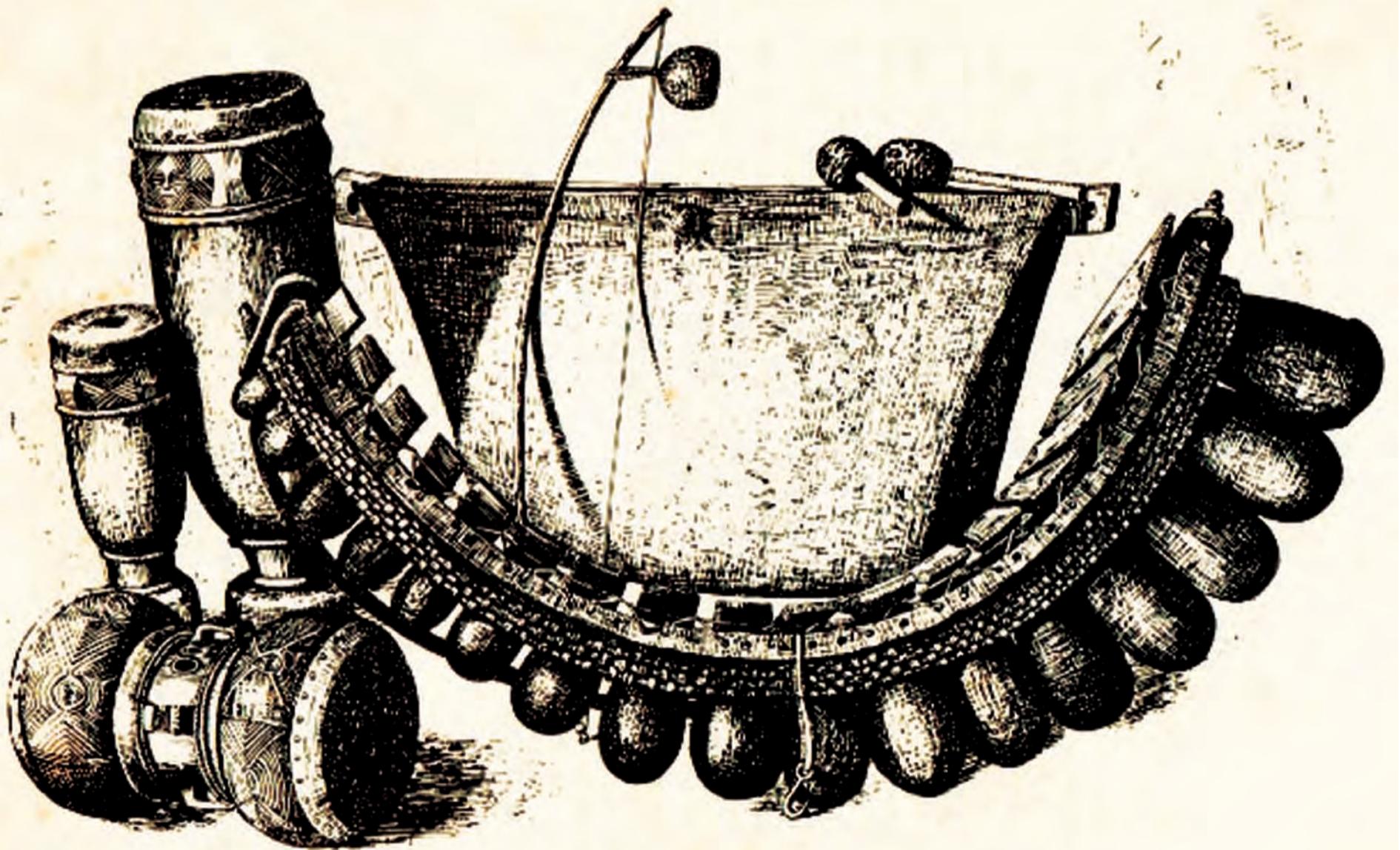
14 a 27 de Agosto de 2018 | Nº 167 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça • Kz 50,00

ARTES

Pág.
9

ENTRE RESSENTIMENTOS E ALIANÇAS VEM AÍ A NOVA UNAC-SA?

Tudo indica que na UNAC o nível do mar está a subir cada vez mais. Profissionais, semi-profissionais e amadores almejam mudanças significativas na gestão deste importante órgão que os representa!



4

O ATLÂNTICO
DESCOLONIAL
NO ROMANCE
“KALUNGA”
DE MANUEL RUI



ARTES

Pág.
11

UM OLHAR
DE MEMÓRIA
SOBRE
LINO DAMIÃO

POEMA DE BENDINHO FREITAS



ELEGIA AO IMBONDEIRO DO CAZENGA

"Às árvores angolanas"

*Quem não ouviu o choro do Imbondeiro?
Quem não viu as lágrimas do Imbondeiro?
Quem não ouviu os gritos do Imbondeiro?
Ah! Se o Imbondeiro do Cazenga tivesse asas...*

*O imbondeiro chorava
Não queríamos ver as lágrimas escorrerem!
O Imbondeiro gritava
não queríamos ouvir o clamor ecoar!
Não ouvimos os bastas em cada ferida aberta
Não ouvíamos a tosse do imbondeiro
quando se afogava no alívio etílico
de boémios noctívagos.
Não vimos a cirrose do Imbondeiro proliferar.*

*O imbondeiro tentava a fuga, o voo
Não lhe demos pernas, asas solidárias.
Não lhe demos a mão fraterna.*

*Mas quando os olhos da árvore se fecharam
quando seu forte tronco mordeu o chão quente do musseque
quando a simbologia se desfez na lembrança
restou a saudade dos boémios
sem muro para lamentar suas vergonhas
restou guardarmos as lágrimas não vertidas na primeira hora.*

Bendinho Freitas nasceu a 25 de Maio de 1971 em Luanda. Jurista licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto. Foi professor: leccionou história em algumas escolas secundárias de Luanda e Língua Portuguesa no Centro Pré-Universitário da mesma cidade. Funcionário público, quadro do Ministério da Energia e Águas, onde exerce o cargo de Director de Recursos Humanos, com passagem pelos sectores da construção e comércio.

Publicou o livro "A Pitoresca Etnia das Palavras", poesia, edição da UEA 2016. Em 2000 publicou poemas e contos no extinto Suplemento Vida Cultural do Jornal de Angola. O poema ora apresentado foi extraído de uma compilação inédita de poemas temáticos, dedicados às árvores angolanas.



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 167/Ano VII/ 14 a 27 de Agosto de 2018

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação: Jorge de Sousa,

Alberto Bumba e Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Analtino Santos, Bendinho Freitas, Gabriel Baguet, João Ngola Trindade, Maria Aline, Mário Pereira, Lito Silva

Portugal: Luís Gaivão

Brasil: João Adalberto Campato Jr, Silas Corrêa Leite

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREAKA

AFRICULTURES, Portal e revista de referência

AGULHA

CORREIO DA UNESCO

MODO DE USAR & CO.

OBVIOUS MAGAZINE

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior

José Alberto Domingos

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva

Catarina Vieira Dias da Cunha

CARTA DO PIANISTA HERBIE HANCOCK

EMBAIXADOR DA BOA VONTADE DA UNESCO

PELA CELEBRAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DO JAZZ EM LUANDA



Caras & caros amigos
Jazz (art) lovers,

Partilho, com orgulho, a carta assinada pelo pianista Herbie Hancock, Embaixador da Boa Vontade da Unesco, acerca da celebração do Dia Internacional do Jazz (30 de Abril) no ano em curso.

A honestidade intelectual obriga-me a uma reserva:
Este reconhecimento também vos pertence.

Nunca chegaria a este momento sem o vosso apoio; apoio dos meus companheiros da Rádio LAC, onde apresento um programa semanal desde 1992, quando a Rádio surgiu, do Jornal de Angola, da TPA e do Semanário Novo Jornal.

Terei sempre de sublinhar o auxílio dos músicos – principais actores sociais desta música, de colegas de produção e de jornalistas de música, académicos, críticos e divulgadores.

O suporte e encorajamento dos amigos e companheiros mais chegados também tem sido fundamental.

E o suporte e encorajamento (também críticas e sugestões no momento e ponto exactos) da família, Margarida, a companheira de toda a vida, e filha amada, Aleida Naima, têm sido a tal "ponte sobre águas revoltas", como diz a canção do Paul Simon.

Eu quero apenas continuar, com os meus modestíssimos recursos, a colocar Angola no "mapa mundi" do Jazz.

E ir transmutando estes processos de afastamento e ruptura que ora vergam, ora amesquinham, mas também engrandecem quem por eles passa, como acontece a certos "músicos e jazz lovers"; ir transmutando, dizia, estas chatices em flores.

E é (quase) tudo.

Não há (quase) nada a acrescentar.

Só falta o Abraço amigo e o Até Jazz.

Gg, Jerónimo Belo

July 2018

Mr. Jerónimo Belo
2018 Angola Dia Internacional do Jazz
Luanda, Angola

Dear Mr. Belo:

On behalf of UNESCO and the Thelonious Monk Institute of Jazz, please accept my deepest appreciation for the 2018 Angola Dia Internacional do Jazz's efforts in support of the 2018 edition of International Jazz Day. Thanks to your participation, this year's celebration was our best yet.

It is hard to believe that 2018 marked the seventh annual observance of this special day. Through countless performances, education programs, jam sessions, debates, art exhibitions and other initiatives offered by our endlessly creative partners, I am proud to acknowledge that International Jazz Day has impacted and uplifted people in virtually every corner of the world.

This year, the unforgettable All-Star Global Concert from the Global Host City of Saint Petersburg, Russia, along with the kick-off concert from New Orleans, Louisiana, received a record-setting **15.6 million views** by music lovers across the globe. More importantly, participation from organizers like you continued to grow, with **a multitude of events curated at all levels of civil society in over 190 countries**.

Many events in 2018 were offered free of charge and open to the public, ensuring broad accessibility among local communities. We continued to build connections with organizers seeking to spread the spirit of International Jazz Day well beyond April 30 through their projects and programs. Furthermore, numerous partners responded enthusiastically to the call for more charitable engagement, using their events to rally support for worthy causes.

Once again, thank you for all of your support. We value your membership in the global #JazzDay family, and look forward to learning about your plans for April 30, 2019.

Sincerely,

Herbie Hancock
UNESCO Goodwill Ambassador for Intercultural Dialogue
Chairman, Thelonious Monk Institute of Jazz



Jeje Belo



Herbie Hancock

O ATLÂNTICO DESCOLONIAL NO ROMANCE “KALUNGA” DE MANUEL RUI



LUÍS GAIVÃO

Kalunga é o novo romance de Manuel Rui, de caráter definitivamente descolonial.

O pensamento bantu (filosofia, ancestralidade, solidariedade, ritmo, organização social integrada) tudo foi roubado pelos invasores/traficantes que segundo Tanu, o protagonista, “vieram sem ouro e sem razão. Com as mãos quase cheias de nada fizeram sangue levaram escravos, venderam,

arranjaram ouro, fazendas e depois foi essa espiral que começa a mudar o mundo” (p. 212).

Dava-se origem à “modernidade” e nesse comércio escravagista também se incluem os “traidores para servir o invasor ou sobas para venderem os filhos dos seus povos como escravos” (p. 110 e 54) e até a Igreja não escapou a esse comércio desumano.

O dilema religioso é exposto com uma dúvida insistente, pois o desempenho social, educativo e humano do Padre Matias “um homem bom”, (p.73) não é mais do que uma tentativa de explanação do que é ser um cristão genuíno.

Matias oferece uma Bíblia ao soba Lukamba, respondendo-lhe este último: “Olha ainda. Se eu começar a ver que o livro me pode deixar maluco desisto nessa página” (p. 101), e acrescenta: “a Bíblia é muito bonita, está bem escrita mas outra coisa é a vida. O Deus que protege a escravatura nunca pode ser o nosso” (p. 205).

Outra dúvida sobre se Deus é único, perpassa, igualmente, pela cabeça do soba Lukamba, bem como pela do povo e narrador. Este último inclina-se para aceitar a religião dos Orixás, politeísta e tolerante, ou não? É que a mãe de santo Valdívia, em Salvador, refere que o sincretismo do Terreiro não implica bem assim tantos deuses, mas afinal diversos “elementos” que agiam no acordo com o espírito de Iemanjá. Ela, Valdívia, “respeitava o Deus dos cristãos e guardava o terço de católica” (p. 440). Afinal, o candomblé resulta do sincretismo e da “protecção de vários deuses da

nossa ancestralidade negra” (p. 440).

Esse registo sobre as novas marcas culturais mestiçadas acontece, também, nas receitas gastronómicas, nas músicas e danças, nos instrumentos e também na língua portuguesa utilizada neste Sul Atlântico, cujos sotaques se denotam nas falas e oraturas.

Trata-se, pois, de um hino integrador a todos aqueles que, atravessando o Kalunga, aceitam o outro tal como ele é e por esse processo autorreconhecem a sua própria identidade. “Quem não consegue ver o outro nunca mais vai conseguir ver-se a si próprio” (p. 447), profere Tanu.

Durante a travessia, a bordo da nau ‘Leopardo’, tirando o comandante Duarte luso-brasileiro, viajam passageiros e tripulação totalmente negra, onde “todos são libertos mas a marinhagem é toda descendente de escravos, perderam a língua, a linhagem familiar e passaram, mesmo libertos, a serem filhos sem terra” (p. 278).

Ali se processam inúmeras aprendizagens e trocas culturais: aulas de português, aulas de música, receitas gastronómicas angolanas, portuguesas e brasileiras, jogo de cartas e dados, celebração da missa, convívio, dança guerreira, enquanto tudo se metaforiza a partir de uma parte da África já libertada (os portugueses tinham sido vencidos pelo grupo guerreiro Elavoco (Esperança) e encontravam-se pacificados na Lukamba) e era essa Angola em processo de transculturação e liberdade que agora era transportada para um Brasil escravagista.

O comandante Duarte, bom conhecedor do que se passava no Brasil, relata: “tem escravos urbanos, escravos rurais, das plantações de café, tabaco ou açúcar que padecem deveras mas os que mais padecem são os das minas, removendo cascalho, entrando nos rios, comidos por onças e jacarés. Sabe uma coisa? Cada palácio, cada monumento aqui do Brasil tem sangue escravo e o ouro também está manchado de sangue. E a igreja, vai-me desculpar...” (p. 288).

Mas este novo grande romance de Manuel Rui trata, igualmente, sobre a língua portuguesa. Ela é o veículo que vai provocar a unidade dos povos e etnias dispersos pela geografia angolana e também no Brasil: “Foi o invasor que nos levou a unir as nossas diferenças para um dia o expulsarmos falando a língua que ele trouxera para nos explorar e catequizar” (p. 446), refere Tanu no 6º rascunho do seu ‘romance oral’.

A acção didática relativamente à língua portuguesa assume o expoente máximo do contributo positivo do colonizador, transformando-se em mais um elo de comunhão entre os povos. E quer a unidade de Angola, quer a do Brasil devem-se, em grande parte, também à língua portuguesa.

Encontra esta língua portuguesa africanizada uma outra língua portuguesa abrasileirada, explicada deste modo, pelo brasileiro negro Omar: “os escravagistas leiloavam as pessoas e nunca juntavam pessoas da mesma terra. Imagine, você era misturado com gente de outras línguas e a língua portuguesa a gente tinha que usar, toda estragada, para se comunicar. Aqui, estragar é construir na maneira da nossa fala” (p. 305).

Por isso, em Kalunga, “a palavra é tão rápida mais que o vento e inventa coisas acontecidas que ainda estão para acontecer” (p. 153), enquanto constata que “é a realidade que cria o sonho quando dormimos mas é o sonho que cria a realidade quando estamos acordados” (p.154)

Já o Padre Matias também se mestiçara: “...o padre falava com Lukamba numa espécie de crioulo que resultava de uma salganhada de umbundu e português, mas com muita velocidade” (p. 93).

O maravilhoso e o fantástico (cágados adivinhos, cães conselheiros, onças avisadoras e elefantes amigos, vento, sol e estrelas guias na orientação, rios, montanhas e florestas protectores, a sereia, orixás e mãe de santo supervisores e influenciadores) entram e tomam conta do romance “com acrescentos de mistérios” (p.245), é esse misticismo que reconstrói uma nova história, por troca com a do colonizador: “o mundo estava feito de saberes obrigató-



rios para todos, vindos de cima para baixo, aliás, eu sabia-me nesse enredar de saberes” (p. 446), diz Tanu.

Trata-se, pois, de um regresso às origens que já não é regresso, pois que o mar que separa, também une, como refere Lukamba que era mentira que houvesse o outro lado do mar “porque o mar não tinha lado” (p.170).

Então, Zumbi relata o fio da nova história a fazer-se ali, no Quilombo-metáfora do novo Brasil, pela “contaminação que vai mudar o Brasil e nós já não somos africanos, tivemos que recriar a nossa identidade a partir de nossos ancestrais africanos que passaram a nossos deuses, os Orixás, Oxalá, Iemanjá, Oxum, Xangô, Oxôsse, Exú e Nanã da doutrina e religião que é tolerante, as pessoas podem ser cristãs e do candomblé.” (p. 327).

Encontramo-nos, agora, numa outra fase apurada da recusa duma identidade imposta pela violência da história colonial.

Vamos descolonizar o pensamento e o saber e procurar as raízes, seguindo em frente com essa bandeira, construindo futuros alternativos agoramestijados.

Os africanos percorreram “o mar, maldito caminho dos escravos” (p. 145). Importa reverter esse caminho-segundo a metáfora de Tanu que transportava a liberdade para o Brasil e aí sucumbiria por defendê-la.

Por isso, o Padre Matias, pouco antes do seu assassinato no Brasil, pedia a Deus “que matasse a guerra, descobrisse o fim da escravatura e o respeito dos homens, o fim da inquisição e do racismo” (p.387).

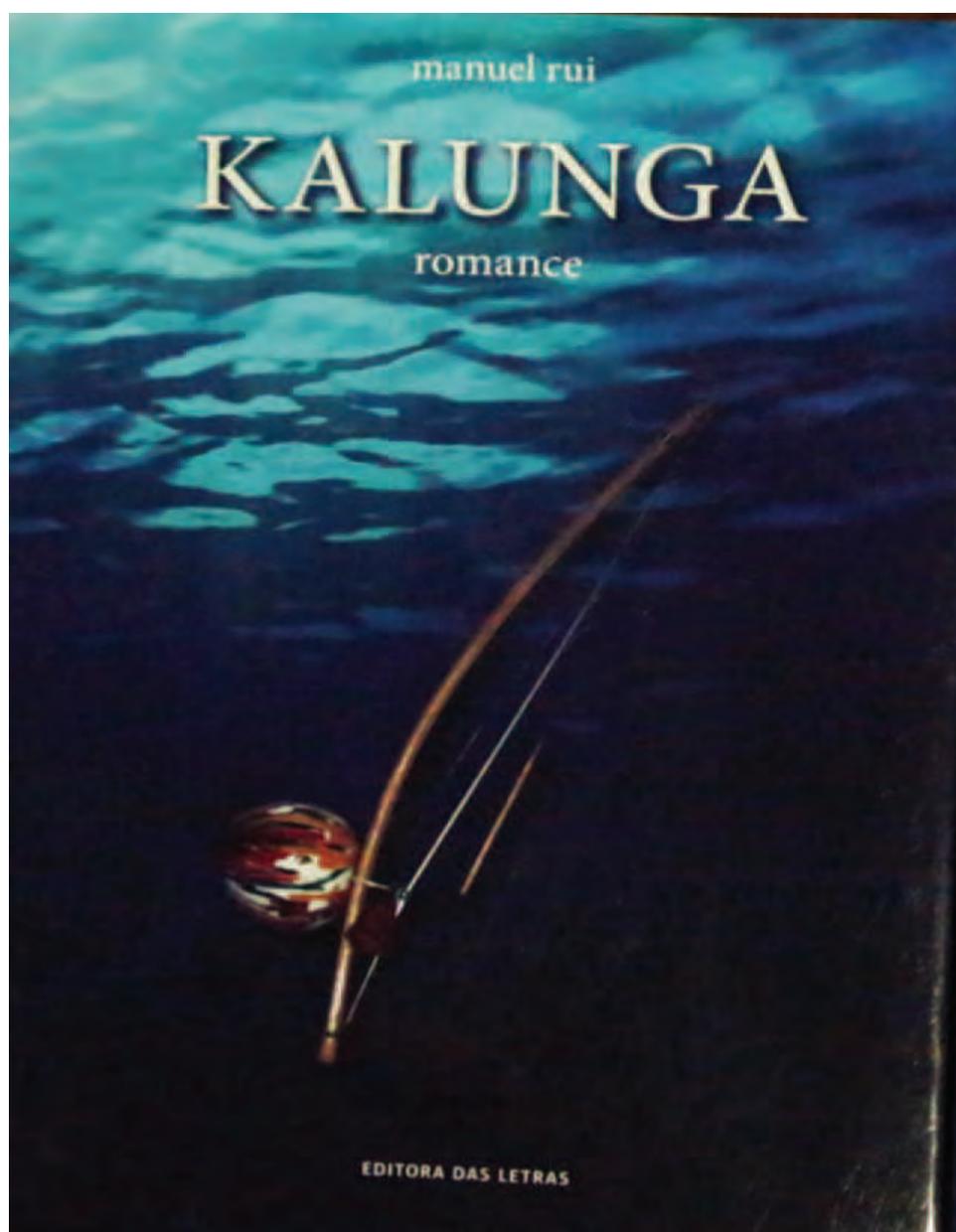
“O bater da chuva enchia o silêncio de frio” (p. 388) mas o que vale é a diferença que nos enriquece, porque “nós não éramos nós, mas muitas diferenças até que descobrimos que valia a pena sermos nós para combatermos o outro, a partir daí começámos a ser nós mesmos descobertos por nós para sermos nós por razões comuns” (p.442)

E navegaremos, então, “com o mar, o sol e o vento” (p. 273) e, “quando a tarde começar a noite” (p. 168), “o cantar da marimba chamará as estrelas do céu e abrirá a lua para ouvir” (p. 150) uma nova história, descolonial e solidária, de verdade.

Luís Mousinho Magalhães Menezes Mascarenhas Gaivão é PhD em Sociologia: Pós-colonialismos e Cidadania Global – CES/FEUC Universidade de Coimbra – Portugal

lgaivao@sapo.pt

... um hino integrador a todos aqueles que, atravessando o Kalunga, aceitam o outro tal como ele é e por esse processo autorreconhecem a sua própria identidade.



CRÍTICA LITERÁRIA E CONHECIMENTO



JOÃO ADALBERTO CAMPATO JR.

Solicita-se, por tradição, do crítico literário que leia, compreenda e explique a literatura, em busca de sentidos e de valores nas obras lidas, estabelecendo uma espécie de ponte entre o escritor e os leitores. Diferente da teoria literária, que tece reflexões gerais sobre a literatura, a crítica lança-se ao exame mais ou menos metódico de obras específicas. A crítica é afeita ao debate cultural, tanto que uma de suas formas de apresentação é a polémica, que pode ser mais ou menos pública. Procedendo dessa maneira, impossível negar à crítica um papel fundamental no processo de estabelecimento e de legitimação da literatura, mormente das literaturas nacionais. Nessa linha de consideração, por exemplo, pela teoria institucional, a literatura é composta por aquelas obras que receberam chancela positiva e du-

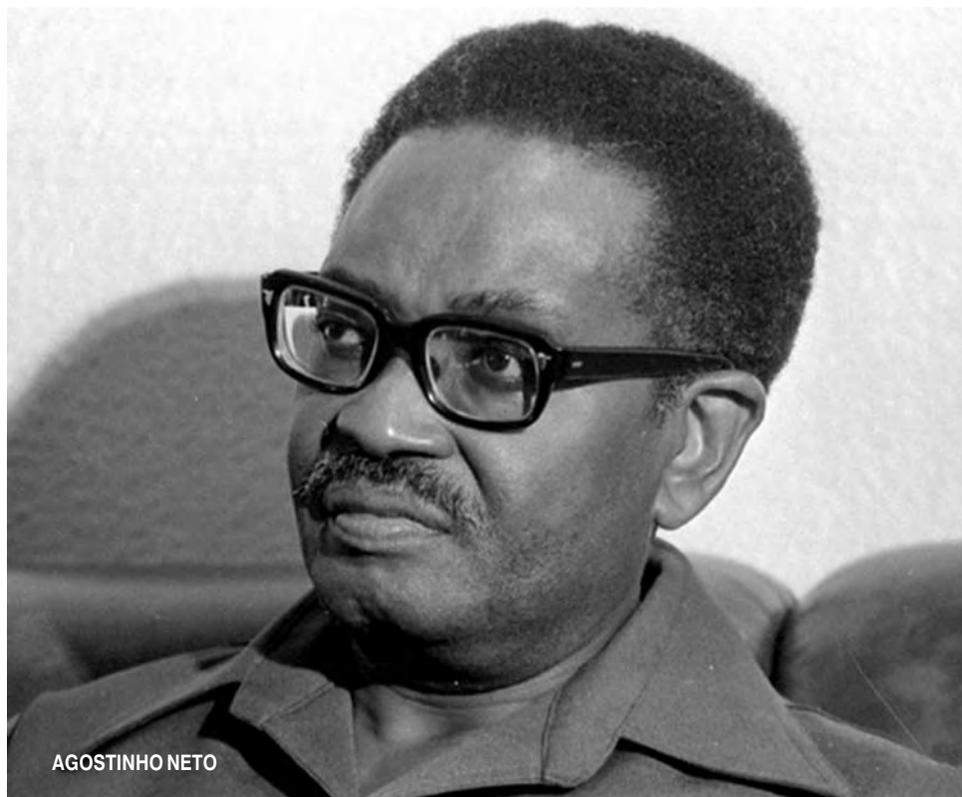
radoura da crítica literária, que acaba, também, direccionando fortemente o gosto dos leitores e influenciando na prática produtiva de escritores e editores, para não falar das aulas de professores de todos os níveis do ensino, seja no Brasil, em Angola ou no Japão.

Não tivesse outro destaque, a crítica literária já seria relevante na medida em que influi, com variável intensidade e eficácia, nos alicerces do sistema literário, a saber: os escritores que produzem obras artísticas, o público que as lê e a linguagem literária que as veste. Todos esses elementos estariam organizados de tal maneira a poder fundar uma tradição, uma solução de continuidade, daí a concepção de sistema. Neste texto, busca-se lançar alguma luz em tais aspectos, nunca perdendo de vista o quanto o terreno é conflituante, movediço e aberto a múltiplas crises.

Por sinal, uma crise relativamente recente da crítica literária insere-se na reavaliação da natureza do fenómeno literário, pondo em circulação a ideia de que não há algo que seja naturalmente literário ou que seja interpretado como tal em toda as épocas históricas e para todas as pessoas, independente de questões circunstanciais e da leitura que é feita de tais textos. Isso coloca, conseqüentemente, à crítica literária um conjunto de questionamen-

tos relacionados ao fato de que não existem valores, virtudes ou vícios universais, fora do tempo, fora da visão particular de uma cultura, num dado recorte da história e do tempo e fora da função que se dá à literatura em determinada época. Então, dessa maneira, não escaparíamos, em tese, dos juízos de valores relativos, não podendo aspirar ao carácter absoluto de valores objectivos e universais.

O livro julgado bom por uma população de certa região africana não deve ter, necessariamente, a mesma recepção por europeus ocidentais ou por moradores dos Estados Unidos ou do sul da América do Sul ou do sudeste da Ásia e vice-versa. Nessa mesma senda, a literatura de cordel, por exemplo, não é passível de ser avaliada com os mesmos instrumentos críticos com que se examina um



AGOSTINHO NETO

romance vanguardista europeu, que, por seu turno, não deve ser medido com os parâmetros com que se aquilata a qualidade ou os defeitos da narrativa oral tradicional africana.

Avaliar a literatura com base em suas supostas funções também guarda perigosa cilada, da qual há de se precaver. Isso porque, considerando o que se viu acima sobre a natureza/não natureza da literatura, forçoso é admitir, na esteira do que pensa, entre outros, o franco-argelino Jacques Derrida, que não pode existir natureza nem função da literatura em si, exactamente porque esta não tem nenhuma essência e nenhum sentido previamente estabelecido, que preexista à leitura da obra pelos leitores.

Como quer que seja e levando em conta, por um momento, as funções que são conferidas à arte literária, as idiosincrasias das avaliações e dos julgamentos, por vezes, explicam-se em virtude daquilo que o leitor – aí incluído o crítico – crê que deve ser a missão da literatura. Aqueles que concebem a obra literária como instrumento para que algo de prático seja realizado avaliarão melhor a literatura explicitamente militante de Agostinho Neto em detrimento de de boa parte dos textos líricos, por exemplo, de Ondjaki. Bem assim, preferirão ler os primórdios da literatura africana em língua portuguesa, já que ela é quase toda social e politicamente comprometida em vez de entrar em contacto com obras cronologicamente mais actuais, marcadas pela experimentação estética, com rarefacção do referente e, por isso, opacas. É conhecida, a propósito, uma avaliação sobre Jorge Amado, distinguindo e valorizando a primeira fase do escritor, que, colorida de engajamento, acaba por angariar boa parte da simpatia dos críticos. Por outro lado, para os que admitem as teorias expressivas da arte, nada há de mais louvável que a poesia ensimesmada dos românticos.

A literatura, sobretudo em algumas nações que foram colonizadas e estão há bem pouco tempo elaborando sua reconstrução identitária, como as africanas e a do Timor-Leste, reveste-se de inescapável função de forja da identidade nacional. Nesse cenário, um dos recursos a fim de lidar com a identidade é a reflexão, por meio da literatura, sobre a história desses países, a qual se tem feito em meio a crises, negociações, violências, esperanças e desesperanças. Tudo que escapar a esse tom poderá ser acusado de alienado e, por conseguinte, de má literatura. Semelhantemente à literatura brasileira do século XIX, que – tanto da parte de seus criadores quanto dos críticos e historiadores – elegeu a questão da identidade nacional como espinha dorsal de sua acção – a literatura africana e do Timor-leste adoptou e adopta tal postura em larga escala.

Não é exagero asseverar que, em vários casos, o discurso literário sobrepõe-se ao histórico, mormente quando a História deixou alguns bolsões de silêncio a respeito de um ou



UMBERTO ECO

outro acontecimento, de um ou outro vulto do passado.

Por dilatado período de tempo, acreditou-se que a crítica literária possuía por encargo desvendar e, posteriormente, entronizar o sentido dos livros, que seria considerado o autêntico, o original e o mais acertado e, por isso, o perene significado de uma obra literária. Em diferentes palavras, era da alçada do crítico o serviço hermenêutico de declarar o que esse ou aquele romancista ou poeta quis significar com essa ou aquela obra. Resulta evidente que tal concepção de crítica parte do pressuposto equivocado de que o processo de leitura não constitui um processo de produção de sentido para o qual concorrem a dimensão do texto, a dimensão do autor e a dimensão do leitor, em estreita relação.

É possível e razoável que a obra literária admita mais de um sentido; por vezes, muitos, mas nunca qualquer um

ou todos os sentidos imagináveis. A respeito disso, foi categórico o semiólogo e romancista italiano Umberto Eco, que, aceitando a plurissignificação, recusa a um texto a possibilidade de ter qualquer sentido ou um sentido que não esteja previsto numa possível isotopia textual. Ao fim e ao cabo, nem toda leitura de um texto alcança ser legítima. Quaisquer sentidos plausíveis de uma obra devem, pois, estar previstos pelo próprio texto, como que autorizados e validá-los por ele.

Todavia, nunca será demais destacar que inexistente o sentido certo, presente no livro, desde sempre, imutável, passível de ser transmitido e transferido mecanicamente do texto ao leitor sem sofrer alteração. Ocorre, conforme já foi anotado, que o sentido de um texto não preexiste à sua leitura. Ao crítico já não se cobra tratar do sentido da obra, mas de um sentido de muitos, originário de sua leitura. O sentido é, justamente, construído pela relação interactiva e orgânica entre autor, texto e leitor, em singular situação discursiva. Há, sim, textos mais abertos que outros, nos quais o leitor se torna, tudo bem calculado, co-autor, e nos quais haverá um investimento subjectivo mais activo e agudo de sua parte.

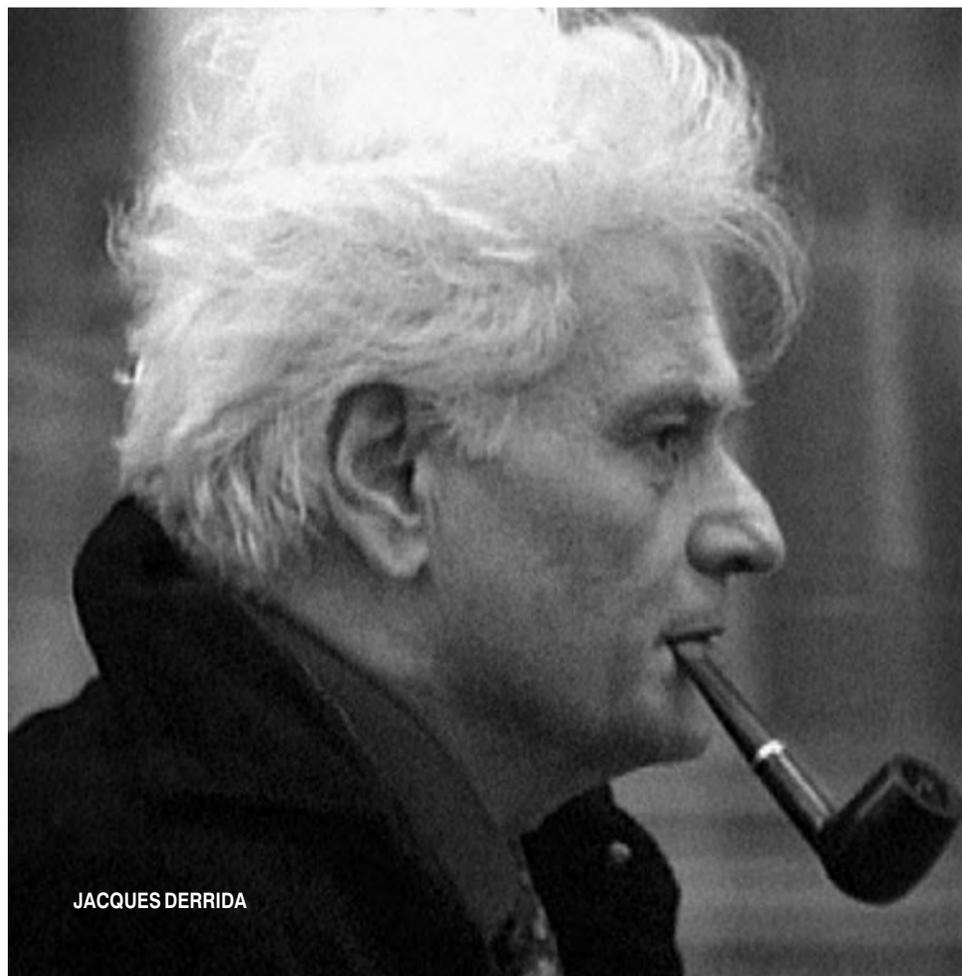
À luz dessas ponderações, então, poder-se-ia objectar que o crítico foi esvaziado globalmente de suas tradicionais funções e que a crítica, como resultado, deverá logo desaparecer do mapa dos saberes humanos, submersa que estará em relativismos de toda sorte, sendo, talvez, eclipsada por alguma forma de Estudos Culturais. Parece mais acertado postular, no entanto, que a crítica sobreviverá, à semelhança de quaisquer outras instituições sólidas, com a adequação de seu modo de proceder ou da sua metodologia à sensibilidade de novos tempos, o que, por sinal, já vem sendo praticado por algumas correntes.

Uma crítica literária que objectiva

ser arejada, válida, honesta, ética, deve, tanto quanto possível, partir do pressuposto nuclear de que o “verdadeiro” em crítica literária é não mais que provisório, passageiro e relativo. Não poderia ser de outro modo quando a subjectividade do crítico literário – sujeito do conhecimento – actua de forma decisiva no material a ser conhecido. Dessa óptica especial, o crítico literário se fará tanto mais sério quanto, ao levar adiante sua tarefa, deixar suficientemente claros aos leitores os seguintes aspectos abaixo relacionados:

- 1) quais são os propósitos da crítica e os objectivos que ela pretende alcançar com sua crítica; 2) qual é a modalidade da crítica por ser usada: crítica imanente ou normativa; intrínseca ou extrínseca, por exemplo; 3) qual a metodologia do crítico; 4) quais os limites da crítica em questão; 5) qual a ideologia ou o tecido filosófico à luz do qual tal crítica é realizada; 6) em qual conceito de literatura o crítico se apoia e qual sua concepção de cânone literário; 7) de que maneira a época histórica em que foi composto o texto poderá afectar a interpretação e a valoração actuais da obra; 8) qual debate a crítica pretende levantar; 9) fugir de posturas etnocêntricas, principalmente as eurocêntricas, que impedem de enxergar por que tal obra faz sentido para tal comunidade, ainda que não faça para as outras comunidades e para o crítico; 10) as obras literárias não podem ser avaliadas por um único critério; 11) deve-se compreender cada obra no contexto dos sistemas de valores em que ela foi gerada; 12) quais as relações de poder subjacentes ao texto em avaliação; 13) toda crítica constitui apenas uma das interpretações possíveis do texto, sendo uma escolha de trabalho de algum crítico em particular e não requerendo para si dimensão absoluta ou totalizante. 14) quais são as vozes discordantes que a minha crítica suscita.

Conforme se repara do que ficou antes exposto, uma crítica literária que se deseja válida e crível está na dependência directa da ampla divulgação das condições de tal validade e da noção de quão complexo é o papel da crítica e dos críticos. Dito de outro modo, está na directa dependência de uma, por assim dizer, objectivação, guiando-se pelo que é possível fazer em crítica literária e não pelo que seria ideal realizar. Respeitadas as devidas proporções, não é bem isso o que se espera, nos dias que correm, de todas as ciências humanas?



JACQUES DERRIDA

João Adalberto Campato Jr. é Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Letras. É Professor Titular da Universidade Brasil, no curso de Mestrado em Ciências Ambientais. É editor da Revista Tema e autor, entre outros, de A Poesia da Guiné-Bissau: História e Crítica (2012), de Comunicação Persuasiva: Teoria e Prática (2015) e Manual de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal, Brasil. África Lusófona e Timor-Leste (2016).

LITERATURA E DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

A publicação dos Clássicos da Literatura Angolana, que teve início em 2013 pelo GRECIMA, prosseguia o objectivo de massificar o conhecimento das obras dos autores angolanos de gerações diferentes.

A análise do impacto que este projecto teve na sociedade angolana, em geral, e entre os estudantes dos vários subsistemas de ensino angolano, em particular, é uma questão que não pode estar dissociada do desenvolvimento intelectual na medida em que um dos seus pressupostos é a leitura entendida aqui como um momento de diálogo estabelecido entre o autor e o leitor, ou ainda um processo de interacção em que este intervém ao fazer comentários sobre os personagens e as acções descritas pelo narrador.

Este exercício salutar é extremamente importante para uma sociedade que pretende desenvolver-se, pois é impossível atingir este objectivo se não existirem bons leitores, indivíduos ávidos de conhecimento (FEIJÓ 2018) para os quais o livro é tão precioso quanto o petróleo e o diamante, ou, como dirá alguém, mais valioso que todos os re-

ursos minerais que um País possa ter.

A procura constante do conhecimento é (não hajam dúvidas) uma das características do intelectual, do homem culto que além de consumidor do produto cultural – o livro – produz ideias.

Depreende-se então, que a leitura permanente concorre para a formação do espírito crítico, do escritor e para a fluência da comunicação por meio da escrita e da oralidade.

À semelhança da leitura, a escrita é um momento de reflexão. “Antes de colocar os seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os factos tal como lhe foram narrados, ou no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra” (BÁ 2010). Por outras palavras, o monólogo precede o diálogo que o autor irá estabelecer com o leitor.

A leitura de uma obra literária desperta a imaginação, provoca sensações e expectativas no leitor que ao identificar-se com determinada personagem «participa» na acção que se desenrola (ARRIMAR 2014).

Relativamente as obras que constituem a literatura angolana, a sua leitura

deveria fazer parte da formação humanística e cultural dos alunos para que, entre outros objectivos, pudessem adquirir competência linguística (KANDJIMBO 2013) e desenvolver o gosto pelas belas-artes.

O contacto com estas obras de arte concorre para a formação da identidade cultural do aluno e a construção do seu imaginário sobre o alicerce da cultura angolana da qual se retira a matéria que, por sua vez, será transformada/recriada pelo artista da palavra.

Tenha-se em conta que, conforme dizia Agostinho Neto, não se pode falar de literatura sem que se fale antes de cultura, e esta, como se sabe, tem maior expressão na língua.

Ora, a criação literária assenta na instrumentalização deste elemento cultural e dos recursos estilísticos que conformam o texto literário cujos traços distintivos são, entre outros, a subjectividade e a conotação. Por sua vez, o texto utilitário caracteriza-se pela objectividade e a denotação.

A afirmação da literatura angolana é um processo no qual participaram escritores e escritoras de diferentes gerações dos quais citamos Cordeiro da Matta, António de Assis, Viriato da



JOÃO NGOLA TRINDADE

Cruz, António Cardoso, António Jacinto, António Agostinho Neto, entre outros. Contudo, muitos estudantes desconhecem-nos.

Apercebemo-nos deste facto durante o contacto que mantivemos em Julho de 2018 com alunos do Instituto Médio Politécnico Alda Lara. Enquanto alguns alunos afirmavam “desconhecer” esta poetisa e a sua obra, outros referiam-se apenas à “médica nascida em Benguela”.

Tanto estes como aqueles faziam frequentemente alusão à “filha de portugueses” e, além disto, mostravam-se desinteressados com a literatura.

A avaliação do grau de conhecimento sobre a obra da poetisa pelos alunos da escola que imortaliza o seu nome, feita por um adolescente, atesta a veracidade dos testemunhos recolhidos: “muitos colegas desconhecem a sua história e a escola nunca distribuiu algum livro seu”.

Segundo o professor de Língua Portuguesa, Manuel Domingos, “o Instituto Médio Politécnico Alda Lara não prioriza o ensino da literatura”.

Entretanto, o professor admite a possibilidade de alguns alunos poderem futuramente enveredar pelo mundo das letras devido ao talento que possuem.

O défice de competência linguística evidenciado pelos alunos poderá, no entanto, condicionar a materialização deste sonho: “Há muito trabalho a fazer. Estamos mal”, esclarece o professor.

A iliteracia literária é um fenómeno que envolve igualmente muitos jovens licenciados pelas universidades públicas e privadas. As evidências manifestam-se constantemente na construção deficiente das frases, falta de clareza das ideias, transcrição do texto oral, leitura dogmática, ou se quisermos, ausência de espírito crítico. A produção textual nas redes sociais atesta o enunciado.

Dos discursos proferidos por muitos técnicos superiores, citam-se apenas alguns, nomeadamente: “Eu [licenciada em Comunicação Social] não estudei Língua Portuguesa”; “[mas] eu vou ler o livro de Pepetela?! Isto [Literatura] é para vocês [historiadores]”; “para mim, a Língua Portuguesa não é um elemento cultural”; “génio criativo? O que é isto?”.

A amostra formada pelas “orações de sapiência”, acima citadas, configura um quadro preocupante. Será possível alterá-lo?

Se a resposta for positiva, será necessário desenvolver e interligar um conjunto de acções que devem ser



implantadas como a produção do livro em Angola (a custo acessível) e a sobrevalorização dos seus autores.

A massificação do livro deve envolver a elite financeira (mecenato) para que apoie a sua produção de modo a garantir a fruição deste produto por um maior número de cidadãos.

O cultivo da leitura deve ser estimulado em casa, no seio da família. Todavia, a criação de um programa televisivo dedicado exclusivamente a Literatura será um complemento do trabalho dos encarregados de educação, que juntamente os seus educandos poderão colher resultados positivos da leitura de obras de autores angolanos.

Importa referir que a Rádio Nacional de Angola dispõe de dois programas dedicados a Literatura Angolana emitidos aos sábados, nomeadamente, Palavras & Textos e Antologia – Programa sobre Tradição Oral, este último dedicado à recolha, análise e divulgação dos textos da Literatura Oral Angolana.

É importante apostar na formação contínua dos professores de Língua Portuguesa e Literatura Angolana para que possam desempenhar competentemente a sua função que tem por finalidade a formação técnico-profissional e humanística dos alunos que, no exercício das suas profissões, terão de elaborar documentos relatórios técnicos, ac-

tas de reuniões, memorandos, etc..

O domínio deficiente da língua portuguesa condiciona a produção destes e de outros documentos. Daí a necessidade de o aluno cultivar o gosto pela leitura e exercitar a escrita.

Bibliografia

ARRIMAR, Jorge, *A Importância da Leitura*. Luanda: O CHÁ – MENSÁRIO ANGOLANO DE CULTURA, Nº 9, 2ª Série, Ano 2, Fevereiro/Março de 2014, pp. 22-24.

BÂ, Amadou, «A Tradição Viva», in KI-ZERBO (Ed.), *História Geral da África. Metodologia e Pré-história I*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 167-212.

CORI, Isaquiel, *Os males da Iliteracia*. Luanda: JORNAL DE ANGOLA, 06 de Setembro de 2017.

FEIJÓ, Lopito, *A formação, a educação estética e a personalidade do jovem Escritor*. Luanda: JORNAL DE ARTE E LETRAS – CULTURA, 19 de Junho de 2018.

«A problemática do ensino da literatura angolana e a teorização literária», in KANDJIMBO, Luís, *Ideograma de Ngandji. Ensaio de Leituras e Paráfrases*. Luanda: Triangularte Editora, 2ª edição, 2013, pp. 297-312.

MENDONÇA, Luís, *O vácuo da crítica literária em Angola*. Luanda: JORNAL ANGOLANO DE ARTE E LETRAS – CULTURA, 03 de Julho de 2018.

STOENESCO, Dominique, *Escritor*



Jacques dos Santos [fala] sobre literatura Angolana - "Um País com baixa taxa de leitura não pode ir para a frente". Luanda: O CHÁ - MENSÁRIO ANGOLANO DE CULTURA, Nº 8, 2ª série, Ano 2, Dezembro/Janeiro de 2014.

TRINDADE, João, «Eu vou ler o livro de Pepetela?!». Luanda: JORNAL ANGOLANO DE ARTE E LETRAS – CULTURA, 14 de Setembro de 2016.

População inquirida
19 Alunos do Instituto Médio Politécnico Alda Lara.

Manuel Domingos, professor de Língua Portuguesa do Instituto Médio Politécnico Alda Lara

TRÊS POEMAS DE CÍNTIA GONÇALVES

Qual anjo a (re)velar
frágil carne
bato lentamente
à porta do mundo
Pobre rica
soberana luta
dorme rainha rei
infantil sonho
No cume do Moco
mães inventam estrelas
transfigurada luz

Por baixo dos sonhos

Fogo alumia
vidro matinal
foz de palavra
inventando-se ventosa
Essa luz dágua
é silêncio orvalhado
inspirando catuitui
no chão da vida
Alegre metamorfose
de espiral inclinada
infância das cores
Tudo tão leve tão etéreo
no olhar dos dedos
incipiente fala
cristalina vontade

Fogo ar dente

Ser ar de asas navegadoras?
Consumir o éter na sombra
de constelações sonhadas?
Trazer no equador
suturados rasgos?
Ponto final
Largòlhar africano
abnegado canto de utopias
Devoto
dê voto
cem anúncios
Absurda imortalidade
perecível
renovável murmurar de
marimbondos
Ser sendo



ENTRE RESSENTIMENTOS E ALIANÇAS VEM AÍ A NOVA UNAC-SA?



MARIA ALINE

Em 12 de Maio de 2006 na sala de Reuniões da liga Nacional Africana, uma lista de consenso abria outro ciclo na gestão da UNAC com Alberto Teta Lando à cabeça. Uma era em que os associados desta agremiação artística viram surgir importantes projectos em defesa da sua dignidade social.

Porém, de um tempo a esta parte, os artistas reclamam, usuku ni luanya, do declínio vertiginoso a que o órgão está submetido. Suspenso pela Confedera-



Belmiro Carlos



Beto Gourgel



Maneco Vieira Dias

ção Internacional das Sociedades dos Autores e Compositores – CISAC, por incumprimento de pagamento de quotas, (!), suscita cada vez mais questionamentos em torno da idoneidade de quem dirigiu a instituição. Profissionais, semi-profissionais e amadores almejam mudanças significativas na gestão deste importante órgão que os representa!

TUANDALA NGO KISANGELA!

“Unidade, dignidade e responsabilidade” foi o lema pelo qual a instituição se regeu ao longo da sua existência.

Num gesto coerente e estratégico, Dom Caetano, um angolano de história que, ansiava igualmente o cadeirão principal da instituição, optou por cooperar com o colega Belmiro Carlos “Nito”, apoiando a sua candidatura. Esta novíssima cooperação poderá ou não dar num requintado cocktail pós eleições, ao som de solo do maqui em cadência harmoniosa sob o comando de um solista praguejado!

Enquanto isso o herdeiro do kota Pedro Bonzela Franco (grande impulsor do conjunto os kiezos durante a sua fase embrionária), Marcelino Bonzela Franco, quando conotado com as pretensões do líder da lista B, refutou peremptório: “Não faço e jamais farei parte da lista do Sr. Belmiro Carlos”. Entretanto, num passado não tão distante, estes dois guitarristas compartilharam os mesmos “acordes” na instituição que hoje pretendem afinar!

Tudo indica que na UNAC o nível do mar está a subir cada vez mais. Maneco Vieira Dias, apareceu recentemente a público fazendo afirmações que, segundo Belmiro Carlos, são tão somente calúnia e difamação e, por estar a manchar a sua imagem, decidiu intentar uma acção-crime contra a candidatura da lista A na pessoa do seu porta voz, o responsável do ballet Kilandukilo, Maneco Vieira Dias.

Contactado, o kilandukilo-mor, mostrou-se destemido e encorajou o amigo a fazê-lo: “O Sr. Belmiro Carlos é livre de fazer o que quiser. Em momento algum o difamei. As afirmações que trouxe a público foram feitas em função dos seus pronunciamentos e os documentos falam por si.” Para depois destrinçar: “Conheço bem o Belmiro, em 12 anos nada fez na UNAC. Sou grande admirador do Nito. O Nito e o Belmiro não são a mesma pessoa!”, rematou o antigo responsável para a área da dança, Maneco Vieira Dias. É caso para se dizer... “bwale febele se kalolo?”

Confiando piamente na sua bagagem de gestor, Belmiro Carlos pugna por uma participação massiva dos artistas. Esta pretensão lhe está a provocar “água na barba”, estando por isso a “fazer das tripas coração” para atingir o seu objectivo, tendo já recorrido à instância superior, o Ministério da



Cultura (MINCULT), depois de ver indeferido o pedido feito à Comissão Eleitoral. Já da lista A, ouvem-se os acordes numa outra tonalidade: Diogo Sebastião “Quintino” reafirma que apenas membros com a situação regularizada devem exercer o direito de voto! Para amenizar o clima António de Oliveira “Delon” recomenda serenidade aos concorrentes!

Se houver calema que se proceda conforme manda o costume... bebidas e iguarias ao mar... pala ku bomba o kyanda!

VAI TER HUNGU E KISANJI...

Nesta campanha, e pela primeira vez na história da instituição, é de realçar a inclusão de um número considerável de jovens em ambas as listas, pois que, segundo se sabe, foi muitas vezes recusada toda a tentativa de persuasão a este nível, uma vez que muitos jovens artistas não se identificam com as boas perspectivas que esta agremiação supõe oferecer-lhes. É de louvar a adesão destes.

Entretanto, exalando o perfume das acácias e imprimindo o impacto necessário na lista A, está a menina do Lobito, Yola Semedo, enquadrada no tempo e no contexto. Quem também aderiu a este casamento e que certamente não se trata de uma aventura é o versátil João Alexandre. Pelengue-nhas à parte, e sempre em movimento, encontramos o guitarrista Quintino, uma voz que aos poucos tornou-se autorizada quando questões sobre a arte musical vêm à tona!

O herdeiro do kota Rodolfo, mentor do popular grupo “Kituxe e seus acompanhantes”, Jorge Mulumba, encarregado de preservar a raiz dos nossos ritmos ancestrais é A também... quem sabe, aproveita o facto de partilhar o mesmo eleitorado com o general Kambugu e sai, “sem kijila, ainda”, um dueto depois do pleito. ...dixotxolo... dixotxolo, wembawé! Aqui tá-se tudo entre família com a inclusão da pilima



Patrícia Faria

yangue, Bela Chicola e Maneco Vieira Dias... “Por uma classe unida, organizar para desenvolver”!

Partilhando os mesmos ideais, ou seja “tuandala ngo kisangela!”... na lista B, do Belmiro Carlos... eme kya... a negra caliente, Patrícia Faria! E enquanto o fim do mundo não chega, o precavido Caló Pascoal comunga com Dom Caetano, o Mateus 7.7, ao lado de Afrikanu Kangombe, e ainda o herdeiro do kota Beto Gourgel, Kizua Gourgel!

Que o nosso chão dá tudo é um facto... a ver vamos no que dará o pleito!



Dom Caetano

“RESTOS” DE LINO DAMIÃO

ÚLTIMA HOMENAGEM A VITEIX NO CAMÕES



Jeje Belo abraçando Lino Damião, sob o olhar alegre de Teresa Mateus

ADRIANO DE MELO

Três anos foi o tempo que o artista plástico Lino Damião precisou para fazer a sua homenagem ao “mestre” Viteix. Embora como disse o próprio “ainda não sinto como se fosse o suficiente”, o tributo resultou em três exposições que serviram para recordar o trabalho de um dos nomes incontornáveis da História das belas artes nacionais.

O último trabalho desta homenagem, “Restos”, está patente, desde o passado dia 24 de Julho, no Camões - Centro Cultural Português, em Luan-



Obras do último trabalho do artista



Quadros estão expostos no Camões

da, onde fica até depois de amanhã, dia 16, para apreciação dos cidadãos, que podem desta forma conhecer mais um pouco os traços e cores, que predominavam nas obras de Viteix.

Em “Restos”, que sucede “Rastos” e “Rostos”, o público pode conhecer também um pouco do passado, presente e perspectivas futuras do próprio artista, assim como a dinâmica da cidade de Luanda, onde este cresceu. Como um criador da sua época, Lino Damião faz um enfoque as mudanças que surgiram na capital ao longo dos últimos anos e as várias consequência destas transformações na vida dos cidadãos.

Emoções, cores, formas, símbolos e sentimentos ganham vida no trabalho do artista, que é apresentado num altura em que se assinala o 25º aniversário da morte de Viteix. A viagem pelo tempo, que conta um pouco das histórias das ruas de Luanda e as transformações que sofreram ao longo de séculos, assim como espelha em tons alguns lugares e costumes dos seus habitantes, é uma suma das duas exposições anteriores, “Rastos” e “Rostos”.

“Esta exposição visa tornar-vos participantes deste meu território, íntimo e singular, onde exploro aquilo que foi, é, e representa, tudo o que vivi e aprendi com o Viteix e os nossos amigos, mais velhos e artistas. Dos almoços no atelier do Mestre, feijoada e peixe frito, petiscos, ginguba e coco gelado, ao som do jazz, no habitual ambiente de fumo e cheiro a tabaco, às lembranças dos encontros que aconteciam na Baixa, no Restaurante El Campino e na Cervejaria Biker, eu, o Viteix, o Van, o Vírgilio Coelho, o Masongui Afonso, o Tirso Amaral, e outros artistas. Longas tardes em que falamos entre outras coisas sobre a criação de um Salão Internacional das Artes em Luanda”, contou.

As recordações impressas em tela, além de ser o seu agradecimento aos ensinamentos de Viteix, é também, como disse, a continuação de um legado que recebeu e deixa às gerações vindouras. Embora tenha começado ao contrário da exposição de Viteix, de 1992, apenas na ordem nominal, já que a original era “Restos, Rastos, Rostos”, as três exposições de Lino Damião conseguiu superar as expectativas.

Em “Rastos”, a primeira exposição do artista, os trabalhos incidiram sobretudo no aspecto técnico dos ensinamentos transmitidos pelo seu “mestre”. Já em Rostos, a pretensão foi a de apresentar as marcas que o tempo, as pessoas e o lugar onde vivemos, têm para e na sua criação artística.

“Espero, de alguma maneira, ter alcançado aquele que foi o objectivo principal da Trilogia, que era partilhar a grandeza de parte da estória, do nosso herói Viteix e mostrar a gratidão que lhe devo e tenho”, concluiu.

“RESTOS” PARA...

Durante a apresentação do último trabalho de Lino Damião, a directora do Camões, Teresa Mateus, considerou “Restos” uma viagem pela memória de um tempo em que a desesperança era exorcizada com afectos, amizade e solidariedade. Lino Damião, continuou, regressou ao Camões para concluir um sonho antigo, que lhe provocou desassossego durante anos a fio. “O sonho de evocar e homenagear uma figura ímpar, que marcou toda uma geração de artistas no pós-independência. Talento, elevação, grandeza, humanismo e simplicidade, são os traços do Mestre, que perduram na memória do discípulo, mas também na memória colectiva.”

Na exposição, conta, Luanda surge como pano de fundo, debruçada sobre a Baía, na sua vida agitada, misturada e confundida entre “asfalto” e “terra batida”, e a Chicala, com as suas gentes, os Axiluanda, no seu labor de um quotidiano amarrado ao mar. “As suas tradições, ancestrais. Os seus ‘espíritos’. O poder da Kyanda. Luanda intensa, fervilhante e viva, atravessada nas memórias, de infância de Lino Damião.”

Nesta Trilogia, Lino Damião inspirou-se naquela que foi a última exposição de Viteix, “Restos, Rastos e Rostos”, organizada em 1992, que reuniu os seus trabalhos mais significativos desde a década 60.

Para Jerónimo Belo, Tio Gegé, como o artista chama, “Lino Damião, à custa de intenso labor e modéstia, ganhou traço e aprendeu a brincar com as cores. Conhece os movimentos artísticos do seu tempo, mas não se filiou em nenhum, colheu de cada um o que necessitava



Lino Damião

para as suas telas e instalações (...).” A Trilogia de Lino Damião será certamente um espaço de afectos, sedimentos de memória e de fidelidade ao seu Mestre: o inesquecível Viteix (...).”

PROJECTOS

Quando questionado sobre o que vai fazer agora, Lino Damião disse que pretendia dar continuidade ao seu projecto “Luanda - Construção e desconstrução”, que está parado há quatro anos. O foco deste trabalho continua a ser a cidade, que mais uma vez sobressai entre as preocupações do artista, devido a actual dinâmica que o modernismo impõe a esta e as alterações que essa mudança provoca num povo muito enraizado nas suas tradições.

Em relação a abertura de mercado no país, Lino Damião defende que está precisa ser maior. Mesmo não residindo actualmente em Angola, tem tido informações que a obtenção de um espaço condigno para realizar uma exposição ainda são muito caros. “Muitas vezes os donos das galerias ignoram as dificuldades que o artista angolano, em particular o jovem, passa, para poder expor. Ele já enfrenta obstáculos na aquisição do material e depois encontra outros para pagar o espaço, ou no acordo com os proprietários destes espaços, que chegam a pedir 50% da venda de uma obra”, lamentou.



Pinturas são homenagem a Viteix

UM OLHAR DE MEMÓRIA SOBRE LINO DAMIÃO



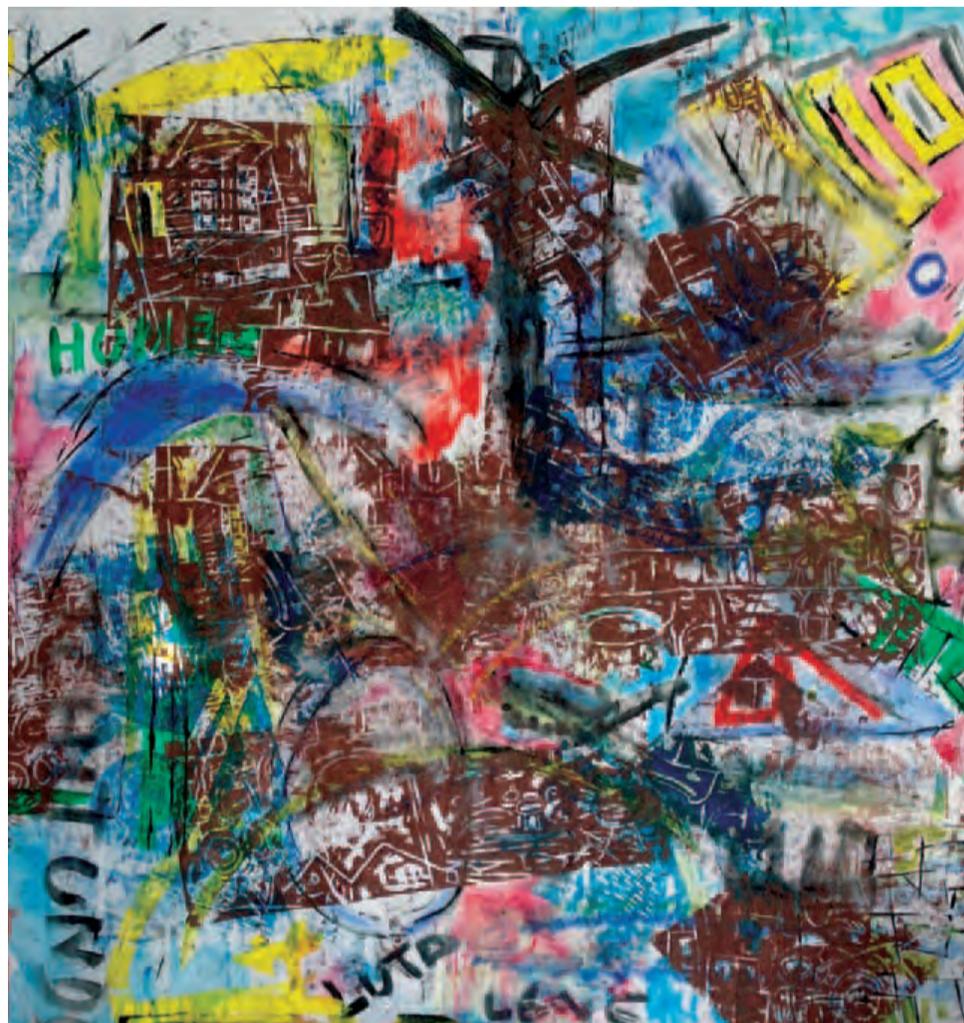
GABRIEL BAGUET

O percurso do jovem Pintor Lino Damiano traduz inquestionavelmente a procura de novas linguagens e simbolismos, mas sobretudo a integração no seu Olhar como viveu e vive a Sociedade angolana e a luandense em particular no seu imaginário. A par disso, e na sua relação com a Arte, cujos eixos de opção recaem sobre os Desenhos, a Pintura e a Fotografia, o criativo Pintor Lino Damiano vai ao encontro da Memória para homenagear o passado e as suas vivências, mas com justiça faz questão, e bem, de honrar a sua forte ligação a dois intelectuais angolanos e homens de pensamento, que no quadro das suas opções estéticas, influenciaram no bom sentido a paixão e a visão atenta do cidadão Lino Damiano. Não nega essa Memória e inclui Jerónimo Belo e o saudoso Viteix no seu imaginário. Percorre o tempo. O seu tempo e o tempo dos outros. Percorre o tempo de Jerónimo Belo através do Jazz. E percorre o tempo de Viteix a partir da observação meticulosa da sua Pintura. Cruza duas formas de Arte que são o Jazz e a Pintura e transforma essa dinâmica criativa transportando para os seus Desenhos e demais concepção estética a realidade rica e diversa do Jazz e a transformação do traço que deixou marcas pelas mãos do Pintor Viteix. Estas inquietações de Lino Da-

miao são feitas num tempo em que nem sempre se quer evocar a Memória. Mas não há futuro sem Memória. E o Pintor Lino Damiano inscreve no dever dos seus dias o imperativo da Memória como resgate porque em tempos difíceis da nossa História recente, Jerónimo Belo e Viteix, como outros no contexto das suas intervenções, contribuíram de modo firme e coerente por novos e renovados apelos em torno da Arte e da Cultura de Angola.

BUSCAR A HISTÓRIA

Neste fim de Ciclo, que não se esgota agora nesta Exposição, o Pintor Lino Damiano vai buscar a História para o centro de novas perspectivas sem negligenciar de forma afectiva e justa, o compromisso estabelecido com Jerónimo Belo (mais conhecido por GéGé Belo) e Viteix. Este Ciclo do R é uma obra singular a vários títulos: primeiro pelo modo como foi construída num determinado lugar entre o autor e Luanda e que se afasta da separação de papéis habituais nestes casos e pelo retrato, profusamente documentado, do empreendedor permanente - nacional e internacional - e do crescente sentido de utilidade pública que o move. Ou, ainda, porque concretizou o objectivo - e cito o autor - de "abordar aspectos importantes e de valia para o ensino da arte, do jazz, do amar Luanda e dois dos seus filhos sem esquecer a influência dos meus antepassados e da minha família". "A memória é a consciência inserida no tempo", escreveu o Escritor português Fernando Pessoa. Algo que ilustra bem o percurso evolutivo do próprio Lino Damiano, muito determinado pelas suas próprias escolhas. Mas sem querer desmerecer a Exposição, notável já o disse, é outro motivo que me faz trazer à colação. Muitas coisas foram escritas e



ditas sobre a importância da memória para a história dos povos e para a identidade dos países. Julgo que, neste campo das Memórias dos nossos mais proeminentes criadores e intelectuais, urge criar e preservar os acervos e os percursos que ilustra e criou sob diferentes perspectivas a Cultura de Angola. É absolutamente pertinente corrigir esta trajectória quanto antes, aproveitando a possibilidade de dispor do máximo de testemunhos em nome próprio. O que quero sublinhar é que o país precisa de muitos Museus e Centros de Arte Moderna para que a Memória não se dilua no voragem do tem-

po. Este Ciclo, que agora vemos, tem muitas histórias e compassos. Mas a forte convicção do Pintor Lino Damiano permitiu-lhe de forma transversal e assumida não deixar cair o que de facto é importante. É o resgate justo de quem pensa e sente a necessidade de novos diálogos sem visões egocêntricas, sem sentido. Ele busca na sua Arte esse necessário caminho de verdadeira consciência artística e intelectual. Porque Angola precisa desta nova corrente sem corte de gerações e sem esquecer quem plantou boas sementes na nossa trajectória cultural.

Lisboa, 25 de Maio de 2018



BREVE APRESENTAÇÃO DO ARTISTA

Lino Damiano nasceu em Luanda em 1977. Encorajado pelo seu pai, começou muito cedo a desenhar e pintar, tendo recebido o seu primeiro prémio em 1989 - Prémio de Pintura na União Nacional de Artistas Plásticos.

Tem participado em várias exposições individuais e coletivas: "1a Paragem: Lisboa" 2012, I Festival Literário "Rota das Letras" de Macau 2012, Feira de Arte Contemporânea de Lisboa 2010, I Trienal de Luanda 2007, entre outras.

As suas obras estão em coleções públicas e privadas em África, na Europa, Ásia, América do Sul e EUA.

Paralelamente colabora, desde 1992, com a produtora j.j.jazz em Luanda, na organização de concertos de jazz e exposições de pintura e fotografia subordinadas à mesma temática.



INTERCÂMBIO CULTURAL JAZZÍSTICO

KIFUFUTILA DE NGOMA, PUITA, DIKANZA, DIKINDU, HUNGU E LATA



Concerto de fusão junta angolanos e alemães

ANALTINO SANTOS

Jazz é improviso, mas não foi a fusão sonora com sabor de espontaneidade que aconteceu entre o trio de Jazz alemão Slowfox e o grupo de ritmo tradicional-ancestral angolano NguamiMaka. Durante oito dias, a cidade da Kianda testemunhou uma aventura de ritmos e de intercâmbio cultural interessante que foi abraçada pelo Goethe Institute de Luanda, resultando em quatro concertos para audiências diferenciadas, respectivamente Palácio de Ferro, Fábrica de Sabão, Miami Beach e Escola de Música Obra Bella.

A última actuação teve um forte simbolismo, porque foi antecedida por três dias de contactos com os alunos da Escola de Música Obra Bella, no Centro de Formação Profissional. Obra Bella é um projecto social que acolhe jovens provenientes dos quatro cantos de Luanda. Neste centro, os músicos alemães tiveram oportunidade de ensinar e partilhar com os estudantes noções de improvisação, compasso e melodia. Também estenderam parcerias com alguns talentos que estão emergir na escola. Aspectos ligados a improvisação, harmonias, arranjos e outros inerentes à música foram abordados, com paixão e entusiasmo pelos participantes.

Maria Regla, da Escola Obra Bella, foi a mentora da parceria, que começou em 2016. Vários artistas apoiados pelo Goethe fazem workshops com o centro e junto de parceiros intercedem para apoios. A responsável da instituição está aberta a que institui-

ções e individualidades ajudem a escola situada no Centro de Formação Profissional do MAPESS.

Numa noite de quinta-feira diante de alunos e da plateia que contribuiu com os ingressos para o projecto, Sebastian Gramss, o contrabaixista e líder do Slowfox e Jorge Mulumba do NguamiMaka, bem acompanhados pelos parceiros musicais, encantaram o público. Do repertório constavam temas como Nvula, "Matuta", "Lemba-Lemba", "Undengeuami", "Dingongenu dia Tata", "Mira Mira", "Kamosso" e outras que durante hora e meia acenderam o facho das aparições públicas.

O intercâmbio foi tão profundo e tocou os alemães, que nem esperaram as enfermidades do quotidiano dos angolanos, Philip Zoubek, pianista, esteve indisponível, por baixa médica. Nos concertos anteriores, Philip brindou com boa improvisação, mas a sua ausência foi colmatada com uma noite inspiradíssima de Fernando Francisco, na Ngoma solo, bem correspondido pelo colega Romeu, ngoma baixo, e uma maior margem para que Hayden Chisholm no saxofone que, não apenas improvisou, mas demonstrou ser a personificação da alma do projecto.

Jorge Mulumba, na maioria dos temas, optou pela puíta, instrumento legado ao esquecimento nos tempos actuais. Cantou e teve a cumplicidade do hungu e da lata. O suporte de Pascoal Caminha marcando no dikindu e o de João Eliseu encorajavam Sebastian Gramss, no contrabaixo, demonstrando ser apaixonado por fusões rítmicas e sonoras.

Gramss, principal responsável deste encontro musical, fez um balanço

positivo da iniciativa e espera levar o projecto até aopais de Angela Merkel. Apesar da timidez e da insegurança que os artistas demonstraram nos primeiros ensaios, conseguiu, a par de Jorge Mulumba, fazer arranjos que surpreenderão tanto os conservadores quanto os inovadores musicais.

Os alemães experimentaram outros sons, como ficou provado numa animada jamsession com Ndaka Yo Wiñi e jovens artistas gospel.

CENA MUSICAL ANGOLANA

Gabrielle Stiller-Kern, directora do Goethe Institute, falando do encontro musical entre o Trio de Jazz Slowfox e o grupo NguamiMaka, revelou o seguinte: "no ano passado, o Goethe-Institut convidou Sebastian Gramss, líder da premiada banda Slowfox, para realizar uma pesquisa sobre a cena musical em Angola. Sebastian conheceu mais do que 60 artistas, e foi no pátio do Palácio de Ferro que ouviu a música dos NguamiMaka pela primeira vez.

Naquele dia NguamiMaka apresentou a sua música a um grupo de alunos para conhecer a música tradicional de Angola e Sebastian entendeu, que não é comum encontrar uma banda dedicada aos ritmos tradicionais da música angolana em Luanda. Entusiasmado pela beleza e pela força da música dos NguamiMaka, Sebastian percebeu que era com eles que ele queria experimentar novas aventuras musicais. De regresso à Alemanha, Sebastian mostrou as gravações trazidas de Luanda aos colegas do Slowfox e começou a preparar a colaboração com os NguamiMaka. "Estas gravações mostram que os artistas não actuavam às cegas."

Entusiasmada com o resultado, Gabrielle reconheceu que, com o NguamiMaka, o Trio Slowfox encontrou o seu parceiro ideal, afirmando que os músicos estão abertos a culturas diferentes, com orientação percussionista e uma postura experimentalista, que casou na perfeição com a vontade do Trio Slowfox de entrar na música angolana. Finalizou reiterando o desejo de conseguir dar continuidade a este dialogo intercultural e atribuir-lhe um nível artístico mais elevado, já no próximo ano na Alemanha.

É de reforçar que, das quatro apresentações do Slowfox, apenas duas seriam com NguamiMaka. Depois de dois dias de ensaios, o efeito surpresa do concerto do Palácio de Ferro alterou os planos do Goethe. Fábrica de Salão e Miami Beach também acolheram esta fusão sem confusão. Os dois grupos entraram nos estúdios

da Rádio Vial, onde trabalharam em cinco músicas. Com a mesma alma temos o disco de Angelique Kidjo com a Orquestra Philharmonica de Luxemburgo, com a mistura da música clássica, e Pierre Akendengue em Labarena-Bach to Africa e com a experiência de Waldemar de Bastos com a Orquestra de Londres.

Slowfox é uma formação de Jazz dirigida pelo contrabaixista alemão Sebastian Gramss, aclamados como banda de Jazz na edição de 2017 no Festival Jazzahead. Os outros dois elementos da Philip Zoubek no piano acústico e o neozelandês descendente de escoceses, Hayden Chisholm, nos saxofones e gaita-de-foles. Juntos trazem um "estilo lírico à perfeição, incorporando um equilíbrio emocionante entre melodias atraentes e estéticas sonoras sofisticadas para criar uma espécie de Melodic Avant-Garde", de acordo com a nota de apresentação do Slowfox. O trio tem dois álbuns "Gentle Giants" e "The Wood".

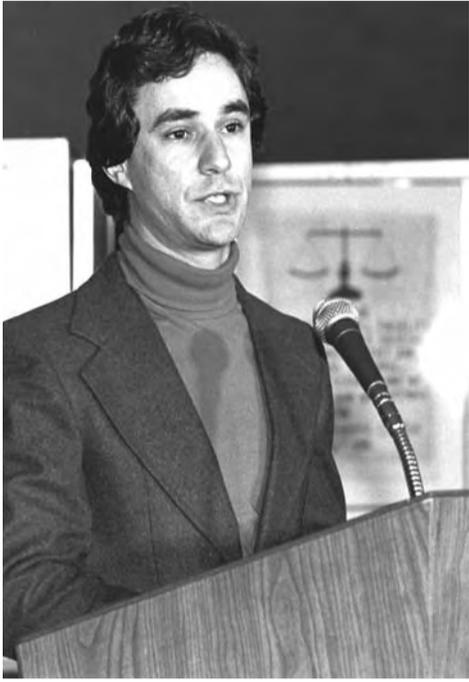
NguamiMaka é considerado como continuadores do grupo Kituxi, a principal formação na divulgação da música de raiz angolana. Com presença em vários palcos internacionais, o grupo liderado por Jorge Mulumba, antes deste intercâmbio, participou no Festival Internacional da Lusofonia, em Macau. NguamiMaka foi fundado no dia 20 de Abril de 2002 e, em 2009, lançou o disco "Ngongo". No álbum encontramos semba, kilapanga e rumba, com as participações de Lulas da Paixão, Kituxi, Wiza, Melvi, Raúl Tolingas, Manecas Costa, Nelas do Som, Alex Samba, Isaú Baptista e Paulo Pakas.



Slow Fox

EXPOSIÇÃO INÉDITA NO RIO DE JANEIRO

70 ANOS DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS



OCTÁVIO ROTH

A Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil, com o apoio do Acervo Otávio Roth e o Centro Cultural Correios, inaugurou dia 8 de Agosto a exposição 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com obras de Otávio Roth. Realizada pela primeira vez no Rio de Janeiro, a mostra apresenta 30 xilogravuras que traduzem os ideais de paz e igualdade defendidos nos artigos do documento.

Aprovada em 10 de Dezembro de 1948, a Declaração foi construída a partir do esforço conjunto da comunidade internacional para garantir que os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – incluindo o holocausto – jamais se repetissem. Considerada a base da luta universal contra a subjugação e abuso de povos, o documento estabelece obrigações para a actuação de governos, de maneira a garantir a protecção de comunidades e indivíduos.

Otávio Roth criou e imprimiu em 1978 xilogravuras que ilustram os trinta artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

É a primeira vez em mais de 30 anos que as xilogravuras — expostas permanentemente nas sedes da Organização em Nova Iorque, Viena e Genebra — têm exibição no país.

Em entrevista ao Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), a disse:

“O Otávio foi o primeiro artista vivo a expor na ONU, porque foi o primeiro artista a ilustrar o conteúdo da Declaração Universal dos Direitos Humanos”, disse a filha e curadora do artista, Isabel Roth.

As xilogravuras foram, ao longo do tempo, gravadas em várias línguas: norueguês, inglês, francês, japonês, espanhol, dinamarquês e português.

Segundo Isabel, Otávio Roth acreditava que o conteúdo da Declaração era muito importante para ficar restrito aos círculos de profissionais das Relações Internacionais e do Direito, sendo necessária a sua disseminação de forma mais didáctica para as populações do mundo todo.

“Em várias ocasiões, tive a oportunidade de ter em mãos o texto convencional da Declaração, que é um papelzinho mixuruca, ilegível. Percebi que, daquela forma, o texto jamais seria divulgado, daí a ideia de transformá-lo num trabalho gráfico de maior impacto”, disse Otávio em entrevista à Folha de S.Paulo em 1981, ano da inauguração da exposição em Nova Iorque.

Para Isabel, um dos eixos que movem as obras de Otávio é o entendimento de que a informação precisa ser compartilhada, princípio que, segundo ela, estava presente tanto em seu trabalho artístico como em suas actividades de pesquisador, curador e professor.

Morto em 1993, aos 41 anos, Otávio Roth foi gravador, designer gráfico,

ilustrador e professor. Ele é reconhecido mundialmente por seu trabalho com papel artesanal e eventos de arte participativa. Em 1971, viajou para Israel, onde iniciou seu interesse pela fotografia. No ano seguinte, em São Paulo, entrou no curso de Publicidade e, em 1974, foi estudar desenho gráfico em Londres. Na capital britânica, por influência do artista Paul Pietch, começou a se interessar pela gravura, principalmente a xilogravura, e por temas sociais e políticos.

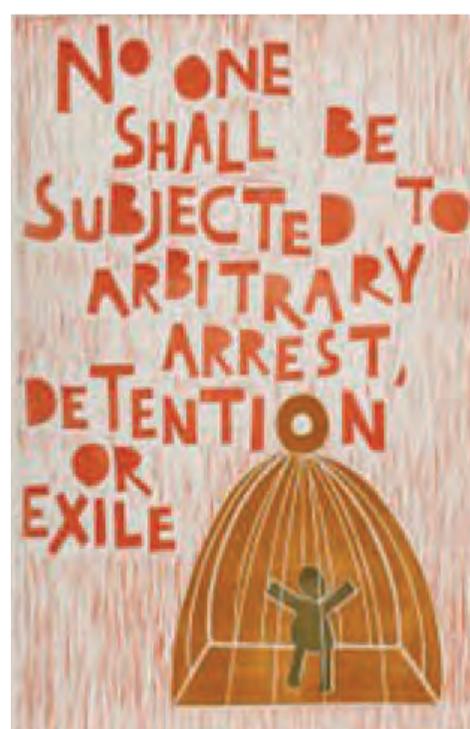
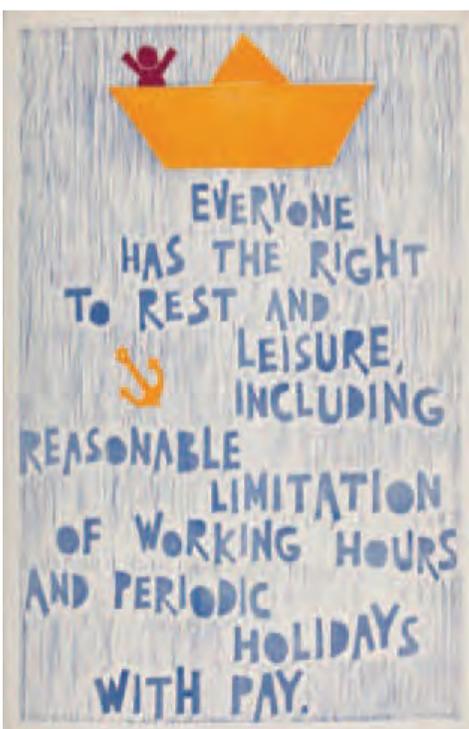
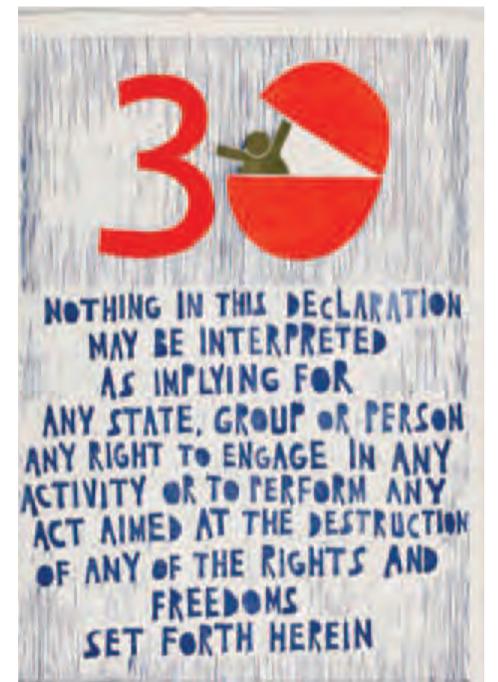
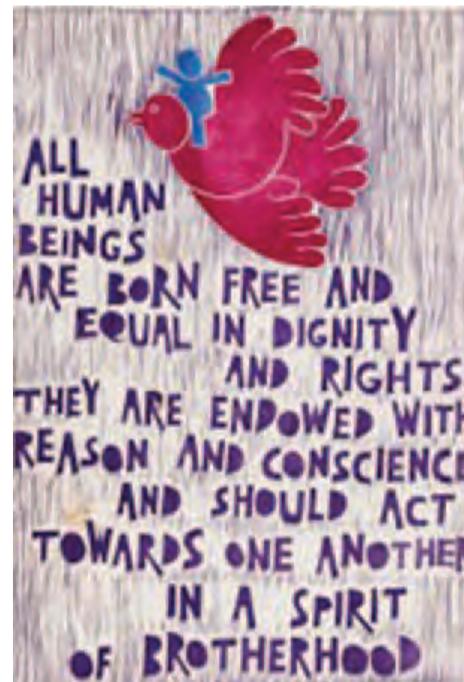
Actuou como designer, ilustrador e gravador em Oslo, no Noruega, em 1977. Voltou para o país pouco depois e, ao longo dos anos 1980, recebeu vários prémios de literatura infanto-juvenil, como ilustrador e escritor, e foi parceiro em diversas publicações da escritora Ruth Rocha. Na mesma década, inaugurou a Handmade, primeira fábrica de papel artesanal do país.

Para Isabel, as obras de Otávio valorizam o sentido de colectividade, enquanto ao mesmo tempo comunicam temas duros de maneira leve.

A ideia de ilustrar cada um dos artigos da Declaração partiu do próprio artista, que produziu as obras na Noruega. Em 1980, ele a expôs na galeria nova-iorquina Automation House, onde foi vista por um assessor do então secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim.

O assessor ficou impressionado com o trabalho e convidou o artista brasileiro a expor a série de xilogravuras na sede da Organização, em Nova Iorque. Em 1981, a exposição foi inaugurada para lembrar os 33 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A última vez que a série de xilogravuras foi exposta no Brasil foi em 1981.

Isabel afirma que decidiu se tornar curadora das obras do pai porque estas permanecem relevantes, décadas depois. “Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos, então, tenho poucas lembranças dele. (...) Mas a obra dele sempre esteve muito presente na minha casa. A lembrança dele sempre esteve presente na minha vida”.



Breve Resenha Crítica

O PESO DO PÁSSARO MORTO de Aline Bei: a magia da contação que alça voo na leitura...



SILAS CORRÊA LEITE

Um romance que, nidificando, come pelas beiradas... Você acaba a "leção" e cobra-se: - Quando vai ter o Peso do Pássaro Morto, O Retorno, continuação? Sim, um romance nada linear, proseado com palavras soltas, como voos díspares que se arremessam e se agregam, como se em estética de poesia e em nele tendo a poética narrativa, num feminilismo gracioso, tocante, que você começa até mesmo em pensar, como o fera Marcelino Freire – que tive já o prazer de resenhar uns cantos negros de anos atrás – descobriu (levantou a asa criativa) de uma escritora pássara-flor desse naipe?

-Menininha quando dorme, põe a mão no coração, diz a cantilena popularesca, mas escritora que se faz menininha na criação, quando sonha, bota a mão na pá-lavra, e dela vira menininha, mocinha, mundos e fugas, fragrâncias e renações, e assim cresce a mão, cresce a personagem criança, cresce com a gente, e como a gente, e, como se diz que a imaginação pode mais do que o conhecimento, no caso da Aline Bei bota talento, imaginação e cantárias em prosa do que ela refina, entalha e ria...

-Amigo virtual também é para essas coisas... volta e meia troco livros, ou recebo um e outro, para leitura crítica, palpite, pitacos, dicas, orelhas, prefácio, posfácio, resenha que seja, e com isso descubro mundos além dos meus já limitados e passados de priscas eras, conheço caras novas, amigos virtuais que selam uma baita amizade virtual bonita de ser e de se saber sendo, e quando se vê, um livro bem editado (Editora Nós), salpica de estrelas e açúcares nossa vazão de encontros e redondezas de encantos. Acertei na moça. E no livro, bonito também técnico-editorialmente falando.

"Todo escritor é útil(...) se acrescenta à lucidez do leitor, livra-o da timidez(...), faz com que ele veja e sinta o que não teria visto nem sentido sem ele." (Margherite Yourcenar)

- Mulher escritora é bicho esquisito, dá couro na gente, tira filé de granito. Não, baby, não existe cura para a tal da existencialização, principalmente nesse tempos tenebrosos de muito ouro e pouco pão. Mas existe apuro, fermentação, purgação, arte como levitação, tudo junto e misturado botando para fora os nós, e mesmo os nosotros, já que, afinal nos restamos todos furtivos, as vezes Hamlets, as vezes espelhos quebrados de Alices no país das armadilhas em pontos de fuga. E escrever desmonta a engrenagem da máquina humana que somos e que não somos, quando se vê, a arte cria vida, personifica, dá nome a borboletas, bois e boys, e quando menos se espera, Evoé arco e lira, descobre-se um livro que é rio, que é pássaro, nu-

vem, e a morta pelanca de nós sobreviventes do antes que ainda reside e resiste em nós é lixada, trazida à tona de novo a carne-vida da palavra bem torneada e nos dando gosto de barulheza de infância de tempos idos, lucidezas de criação, e então rimos, sentimos, choramos, acordamos de novo pra vida com orgulho e benção de ter lido algo embonitado pela alma feminina de quem mostra seu tempo e as trilha do seu tempo...

- Ah o menino Jesus fora da manjedoura, o Luís Benzedor, a escola, o choro, as árvores, a morte na cabeça da doidinha da pá virada e da pá varrida, personagem içando intenções, descobertas, miras e prumos. O jogo de palavras, as montagens graciosas como acordes de uma sinfonia-vo-



de-pássaro-morto, feito uma corruíra de palavras tecendo acontecências, armários, Ventos, distâncias, noturnos e flashes de auroras e crepúsculos... Romance de, na leitura, se catar com as mãos de menino atizado (e ledor voraz e feroz) os parágrafos curtos, bicudinhos-rápidos, verbos, orações, como epigramas/fotogramas, e, já disse Drummond, o mundo não pesa mais do que a mão de uma criança no ombro...

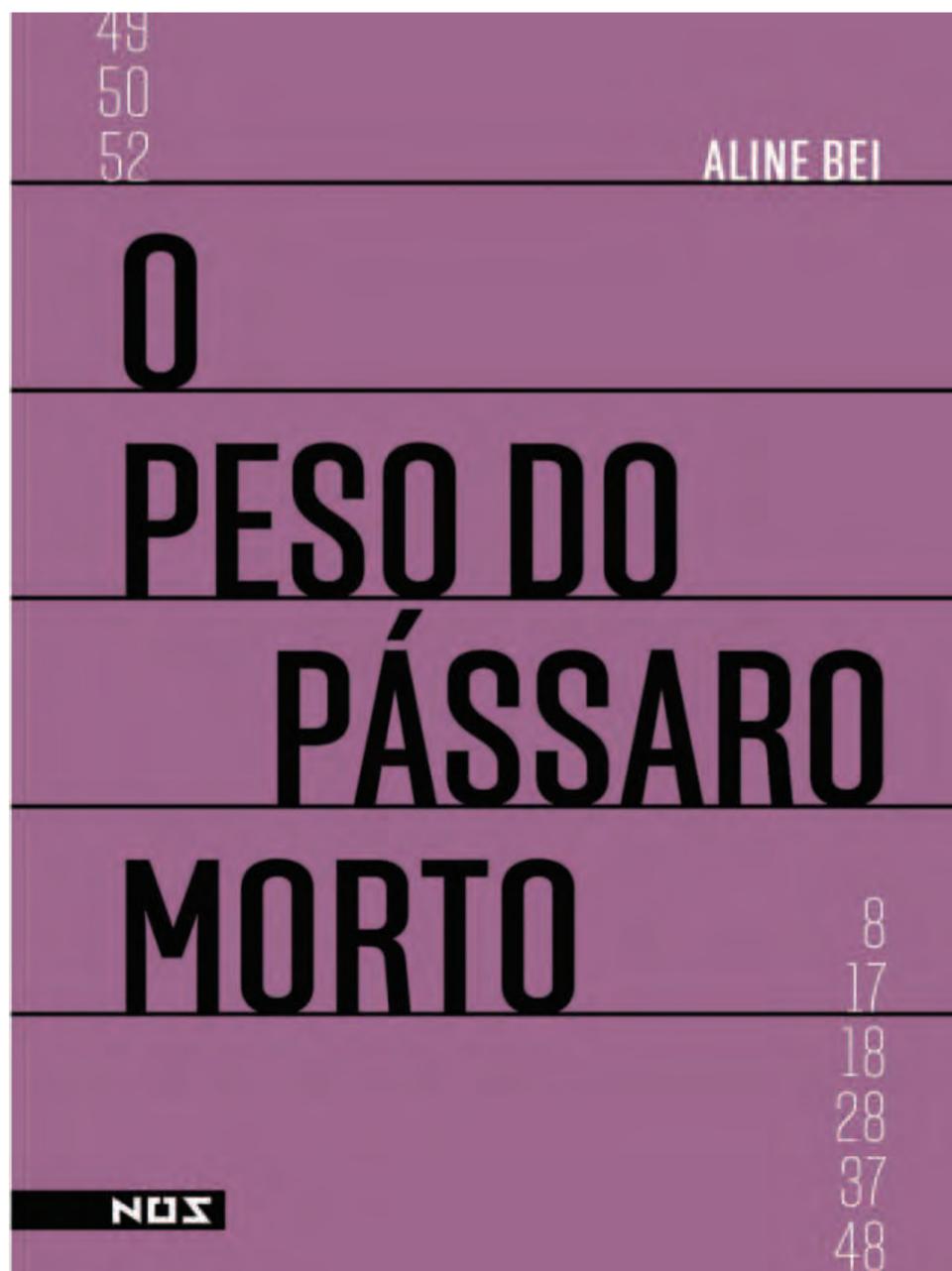
-Um romance com narrativas maraviosas e as vezes entrelaçadas para todas as idades, para se contar na escola, para o jovem descobrir um mundaréu em contagem progressiva, para um adulto pegar na mão da menina e ser pai dela, irmão dela, namoradinho dela, e ainda assim e por isso mesmo também, filho dela... Já pensou que pássaro-livro arisco de se conter na emoção de lê-lo? Acabei e pensei com meus borbotões, é pouco. Cadê o bem-virá do quero mais, tipo Quero Quero cis-cando nas laudas da autora, teatralizando as palavras em cenas breves, rápidas, passageiras, e ainda assim um bem-te-ler de fazergosto?... Ah o deusinho da arte na manjedoura das palavras... e o menino (menina) livro?

-Aline Bei nasceu em São Paulo, em 1987. É formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia-Helena. É editora e colunista do site cultural OitavaArte.

Aline-se, eis o verbo.

-O PESO DO PÁSSARO MORTO é um livro tão graciosamente leve, ao mesmo tempo um romance de peso estimativo em qualidade e literatura fina, que você sai da leitura meio que, ponhamos, encantado...-Encantado? Então é um gostar dearregalar-se.

Aline Bei nasceu em São Paulo, em 1987. É formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia-Helena. É editora e colunista do site cultural OitavaArte. A autora escreve no blogALINE-SE e também publica semanalmente no LOID



JISABU JAMUXIMA (PROVÉRBIOS DO CORAÇÃO)

1.- Kubwile ku polo wa ukalakalu kuma kwenyoko kwala ku mwenyu. 1.- Não se canse perante o trabalho, visto que a vida se encontra lá. **2.- Ondunge aisanga ni kukalakala kwavulu.** 2.- A destreza é encontrada na persistência do trabalho. **3.- Okididi kya dikanga kituzukama kyoso ki twenda mu kilunga kye.** 3.- Um lugar longínquo aproxima-se de nós quando caminhamos na sua direcção. **4.- Kusunguluka maka ma kindala ki kye-ne kimoxi ni kusunguluka maka ma ukulu kulu kya.** 4.- Dissertar sobre os problemas actuais não é o mesmo que dissertar sobre problemas do passado longínquo. (Cada época tem o seu modo de indagar as questões) **5.- Kune-mese mwenyu wangene, ki akune-mese mwenyu mwalunga.** 5.- Não torne pesada a vida alheia, para que não tornem pesada a tua vida na eternidade. **6.- Kulungise kukala kuma watobo, ki akuluke wasaluka.** 6.- Não decida ser parvo, para que não o apelidem de louco. **7.- Okusunguluka kwatowala ubikisa woso ukala kumubana matwi.** 7.- Uma doce dissertação faz submeter a quem lhe dá ouvidos. **8.- Kukwame mukwenu wakuzukama, ki akwambate dikanga dina.** 8.- Não fira o próximo, para que não te levem para longe. **9.- Mwalunga mwala mu isunji itukingila, ni itubane okutanesa kwa.** 9.- Na eternidade há espíritos que esperam por nós, para nos darem a sua saudação. **10.- Benyaba ki bwala isunji ya kadya pemba itukwatesa woma kuma kilunji kyetu kyezala ni jindunge.** 10.- Aqui não há espíritos do demónio que nos fazem amedrontar, visto que o nosso espírito é prenhe de habilidades. (um espírito forte consegue vencer as adversidades inerentes à espiritualidade). **11.- Kukenze ojimbwata jezala, ki jibube.** 11.- Não escoe as garrafas cheias, para que não esvaziem. **12.- O ungumba wiza ni kukamba kukalakala.** 12.- A gatunagem vem com a falta de trabalho. **13.- Okitoto kyabeta okuwaba kina kyabeta kifuluka.** 13.- A melhor cerveja é a que mais espuma. (é preciso saber esperar para que os resultados sejam os melhores; a pressa não fornece bons resultados). **14.- Kusende jimbongo mukujibila akwenu.** 14.- Não ganhe dinheiro matando os demais. (Qualquer acção deve preservar a vida humana). **15.- Kusendela mwenyu mu kifwa kya kubangela ungumba, kiki kikola.** 15.- É ruinoso ganhar a vida roubando. **16.- Okixi kya mwenyu akisanga mu menya.** 16.- A garantia da vida encontra-se na água. (a água é um bem precioso que deve ser cuidado). **17.- Omisanga yaxikelela ixikelesa muxima.** 17.- A gargantilha

negra enegrece a alma. **18.- Wombama o disa dye, nda dibotomoke kyambote kina.** 18.- Ponha de molho o teu milho, para que amoleça bem. (a água melhora a qualidade da vida de qualquer processo). **19.- Kuzondesa disa dyonene, dyazele, uvudisa ofuba ya kindele.** 19.- Fazer amolecer a maior espiga de milho branco, faz com que a quantidade de fécula branca seja maior. **20.- Wafwama ukengela ki akukwate ni maku.** 20.- Deves estar alerta, para que não te apanhem à mão. (a atenção deve ser permanente para vencer as adversidades). **21.- O usudi kwila Nzambi utuma, iyi kifwa kyakamukwa kya kukala mu mwenyu.** 21.- A esterilidade que Deus ordena é uma outra forma de estar na vida. **22.- Sula o imbamba ye, nda ufwise jihama jofele fele jikatesa athu.** 22.- Esterilize os teus objectos, para que façam morrer os microorganismos que enfermizam as pessoas. **23.- Sunguluka, ki jisonyi jikukwate.** 23.- Seja sensato, para que não se envergonhe. **24.- Dikolesenu, nda mutene kukudisa ongongo iyi mu twala.** 24.- Encorajai-vos, para que possais engrandecer o mundo em que vivemos. **25.- Ojisabu jilendesathu kwendela kyambote mu ngongo iyi.** 25.- As sentenças morais fazem com que as pessoas tenham o poder para caminhar bem neste mundo. **26.- Ngamukwiva jindondo mukwijiya kuma nzala ifwisa.** 26.- Sinto náuseas por saber que a fome mata. (é preciso evitar a fome). **27.- Woso wala ni ndondo uluse.** 27.- Quem tem náuseas que vomite. (é preciso expelir os factores do mal que enfermam). **28.- Lunguka, ki ukale kubeka we.** 28.- Seja sensato, para que não fique na solidão. (a sensatez é um factor de união). **29.- Okulunguka kwa muthu ausanga mu ngonga ya kilunji kye.** 29.- A sensatez de uma pessoa encontra-se na sua caixa encefálica. **30.- Mala ma nzala malembwa kukala mu wembu wa Nzambi.** 30.- Barrigas de fome não conseguem ficar na paz do Senhor. **31.- Kuhingile kuzola kwakukambe, ki akukambe okutuluka kwa muxima ku wamesena kukala ne.** 31.- Não traz a lembrança do amor de que careces, para que não te falte a paz da alma de que precisas com ela ficar. **32.- Ojimbolo jikamba kifuluka ki jitena kukala ni difula dyawaba.** 32.- Os pães que não fermentam não podem ter bom gosto. (é preciso amadurecer o fruto para que possa ser comido). **33.- Kundundule mukumona kifumbe kukuzukama.** 33.- Não treme ao ver um assaltante aproximar-se de ti. **34.- Okundundula kwa matuta uvwalesa jimvula.** 34.- O tremular das nú-

vens faz nascer a chuva. **35.- Zenzela twana twe twawisu, kala akuzenzele mu undenge we.** 35.- Leve ao colo os teus filhos, tal como a ti levaram na tua meninice. **36.- Kwebi ku wandala kungisanga, kwebi ku ungisanga kwenyoko.** 36.- Onde me queres encontrar, é lá que me achas. **37.- Muthu watundu muxima wazele usanga mwalunga jimbote ji wandala kujisanga.** 37.- Uma pessoa fuja alma excede em pureza encontra na eternidade tudo o que pretende encontrar. **38.- Muthu uzemba mulembi ulembwa kusanga muzodye.** 38.- Uma pessoa que detesta quem lhe pede em casamento, não consegue encontrar o seu amor. **39.- Kuzukama kuzola ulengesa kizembu.** 39.- Aproximar-se do amor faz fugir o ódio. **40.- O undanda wa mundande awumona mu kifwa kye kyazukama kilwanji.** 40.- A audácia de quem é valente é vista no seu carácter que está próximo ao de um guerreiro. **41.- Kuzukama kufwa kulengesa mwenyu.** 41.- Aproximar-se da morte é fazer fugir a vida. **42.- Okuzola kwabeta kuwaba una ulanga woso umuzola.** 42.- O melhor amor é aquele que protege quem o ama. **43.- Kufikidila mwenyu ufikidisa ngongo.** 43.- Proteger a vida faz proteger o mundo. **44.- Kudidisa mukwenu ufudisa kuzola.** 44.- Fazer chorar o próximo faz embargar o amor. **45.- Woso usenga kalunga usanga mwenyu kumukingila kya.** 45.- Quem aparta a morte encontra a vida já à sua espera. **46.- Kulenguluka okuzola ulengumukisa mwenyu.** 46.- Apresurar o amor faz atrasar a vida. (tudo tem seu tempo certo). **47.- Kwebi kwala nzala athu alengela kwengi.** 47.- Onde há fome as pessoas fogem para outro lugar. (as pessoas migram para lugares mais saudáveis). **48.- Kwene kwala nzala kwala kufwa.** 48.- Onde há fome há morte. **49.- Owufwilu udisokesa ni wadyama.** 49.- A morte equipara-se à desgraça. **50.- Kutangela kidi ukongesa mwiji.** 50.- Dizer a verdade faz unir a família. **51.- Kuzolela muzukameni ujimisa wadyama.** 51.- Amar aquele que aproxima faz extinguir a desgraça. **52.- Wolenu woso wandala kumimona mwazele muxima.** 52.- Agradai a quem deseja ver-vos com a pureza da alma. **53.- Ngikamena muxima wami uzola, ni ngitene kwijiya okuswila kwa mwenyu wami usuka mu kindala kyenyeke.** 53.- Comprimos o meu coração que ama, para que possa conhecer o valor da minha vida que finda agora. **54.- Kama o uxilu wa ngongo, nda ukale wazele.** 54.- Limpa a sujeira do mundo, para que fiques purificado. **55.- Kutumbila ngongo ukudisa mwenyu.** 55.- Florestar o



MÁRIO PEREIRA

mundo faz crescer a vida. **56.- Okijila kifudisa mwenyu akijima ni tubya twamwenyu twabeta kutema.** 56.- A regra que embarga a vida é extinta com o fogo mais quente da vida. **57.- Otubya twa kuzola tuna tutemesa muxima uzola.** 57.- O fogo do amor é aquele que aquece uma alma que ama. **58.- Malombe ma mwenyu ki amazula ni muxima waxixima.** 58.- A negrura da vida não se despe com o coração amargurado. **59.- Woso uxidisa ngongo, amuzulula mwalunga.** 59.- Todo aquele que suja o mundo é permanentemente despido na eternidade. **60.- Mukudisanga kwa makamba mwene mwala kusanguluka kwa mwenyu.** 60.- No encontro de amigos é lá que se encontra a alegria da vida. **61.- Lukambu lwa kuzola lukambesa mwenyu.** 61.- A carência do amor faz diminuir a vida. **62.- Zola mukwenu udila nzala.** 62.- Ama a quem chora por fome.

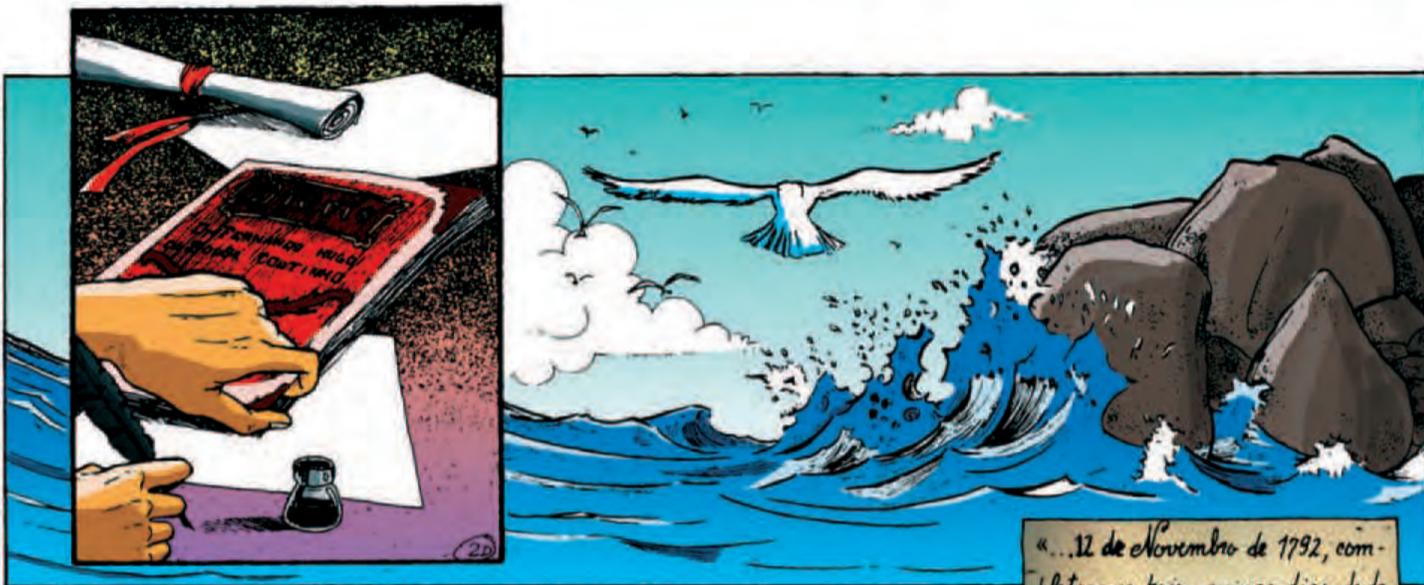


MASALA, O LEOPARDO

16

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



«Por outro lado verifico que estava enganado a respeito do «Leopardo», pois ao contrário do indivíduo nu e cruel que nos é dado a conhecer, apercebo-me de que é um homem que luta pela salvaguarda dos seus ideais, a liberdade e a justiça. Neste momento está nascendo entre nós aquilo que poderia vir a ser uma estranha mas sólida amizade.»



«...12 de Novembro de 1792, completam-se hoje, quinze dias, desde que o mono *Brigue Hospital* foi afundado. Os meus camaradas foram transformados em escravos, enquanto eu tornei-me médico do «Leopardo». É incrível mas, após apertar com estilhaços logo abaixo do coração. Masala - assim se chama o «Leopardo» - hoje encontra-se praticamente restabelecido, faltando apenas ceatuzigar a ferida.»

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA

Das 10h às 18h, de segunda a sábado

Morada Talatona Via 5



contacto

(+244) 996660065

casadasartesuanda

info@casadasartesuanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica



CASA DAS ARTES